

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE TURISMO

SAMIRA HONELLY DA COSTA SOUSA

**CAMINHANDO AO SOM D'OS TAMBORES DE SÃO LUÍS,
DE JOSUÉ MONTELLO**

São Luís
2004

SAMIRA HONELLY DA COSTA SOUSA

**CAMINHANDO AO SOM D'OS TAMBORES DE SÃO LUÍS,
DE JOSUÉ MONTELLO**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do Grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Conceição Maria Belfort
Carvalho

São Luís
2004

Sousa, Samira Honelly da Costa

Caminhando ao som d'Os tambores de São Luís, de Josué Montello / Samira Honelly da Costa Sousa. – São Luís, 2004.

94 f.

Monografia (Bacharel em Turismo) – Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, 2004.

1. Turismo – Literatura maranhense 2. Turismo cultural I. Título

CDU 379.85:869.0 (812.1)-31

SAMIRA HONELLY DA COSTA SOUSA

**CAMINHANDO AO SOM D'OS TAMBORES DE SÃO LUÍS,
DE JOSUÉ MONTELLO**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do Grau de Bacharel em Turismo.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Conceição Maria Belfort Carvalho (Orientadora)

Mestre em Letras
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Linda Maria Rodrigues

Mestre em Comunicação e Cultura
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Ilza Galvão Cutrim

Doutora em Letras
Faculdade Atenas Maranhense

A Deus, fonte de água viva.

Aos meus pais, França e Rosa.

As raízes, caules, folhas, flores e frutos
da minha árvore.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua generosidade e amor incondicional.

Aos meus, amados e maravilhosos, pais pela paciência, amor e dedicação dispensados permanentemente ao longo da minha.

Aos meus irmãos, Ramsés e Darlan, a minha prima-irmã, Laura, minha sobrinha Bruna e a Nácia por seus necessários e importantíssimos livros na construção deste trabalho.

A todos da minha família, pela base, atenção e afeto, sem os quais nada seria.

À Prof^a. Conceição Belfort, por toda a assistência, zelo, competência e compreensão dedicados a mim durante essa etapa da minha vida, minha sincera amizade.

À Prof^a. Ilza Cutrim, por disponibilizar o seu precioso tempo em corrigir e dar a este trabalho uma feição acadêmica e segura.

À Prof^a. Linda Rodrigues, pelo incentivo e disponibilidade.

As Prof^{as}. Klautenys Guedes, Socorro Araújo e Fabiana Lobato, por quem tenho profunda admiração e carinho.

Aos professores do Curso de Turismo, pelo apoio e auxílio, sempre que precisei.

A Guilherme, Kelson e Klautenys Guedes, pela disposição em me ajudar com os materiais sempre que os procurei.

Ao Projeto Turismo Educativo que me possibilitou vivenciar experiências profissionais e pessoais enriquecedoras.

A Nena pelo apoio que recebi durante a conclusão deste trabalho.

A minha amiga Kaká pela amizade e companheirismo.

As pessoas com os quais tive a oportunidade de conviver durante esse período na universidade.

A Josué Montello.

“Que o livro esteja na cidade, assim como, a cidade está no livro”.

Ferreira Gullar

RESUMO

O tema caminhando ao som d'Os Tambores de São Luís constitui-se a partir da análise da obra *Os Tambores de São Luís* de Josué Montello. Por meio desta, busca-se relacionar o turismo e a cultura sob a ótica da literatura, descrevendo, assim, os atrativos culturais de São Luís e propondo, através dos roteiros turísticos literários com base neste livro, um produto turístico diferencial para esta cidade.

Palavras-chave: Turismo. Turismo Cultural. Literatura Maranhense.

ABSTRACT

The subject Walking on the sound of tambour of São Luís constitute from the work of the book *Os Tambores de São Luís* from de Josué Montello. Based on this, we try to integrate the tourism and literature above the optic of the culture, describing, on this way, the cultural attractives of São Luís, and giving some ideas, by the touristes literaries routes of the book, the different touristic product for this city.

Keywords: Tourism. Cultural Tourism. Literature of the Maranhão.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Cronologia do Espaço e Tempo na obra Os Tambores de São Luís da Prof ^a . Ms. Conceição Carvalho.....	82
ANEXO B	Igreja de São Pantaleão	83
ANEXO C	Casarões Portugueses de São Luís.....	84
ANEXO D	Ana Jansen.....	85
ANEXO E	Catarina Mina	86
ANEXO F	Material fornecido pelo Prof. Ferretti no Mini-Curso de Religião e Cultura Popular na Regional da SBPC em São Luís em Março de 2004.....	87
ANEXO G	Igreja do Carmo	92
ANEXO H	Cafua das Mercês.....	93
ANEXO I	Casa das Minas	94

SUMÁRIO

	LISTA DE ANEXOS	9
1	INTRODUÇÃO	11
2	TURISMO E SOCIEDADE	14
3	LITERATURA E TURISMO CULTURAL	17
3.1	Para uma nova compreensão do turista nas suas relações com o patrimônio cultural	17
3.2	Visões do imaginário para o turismo e o turista.....	21
4	TURISMO CULTURAL EM SÃO LUÍS	26
4.1	A pujança dos atrativos ludovicenses	26
4.2	Um produto-âncora para São Luís	33
5	JOSUÉ MONTELLO: vida e obra	38
5.1	Uma Releitura da obra <i>Os Tambores de São Luís</i>	43
6	CAMINHOS DE SÃO LUÍS NA OBRA <i>OS TAMBORES DE SÃO LUÍS</i>, DE JOSUÉ MONTELLO	66
6.1	Conceituação de roteiros turísticos	66
6.2	Caminhando ao som d'<i>Os Tambores de São Luís</i>	71
7	CONCLUSÃO	75
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXOS	81

1 INTRODUÇÃO

O homem é um viajante por natureza. Viajar, mesmo que por razões múltiplas, foi e sempre será, segundo alguns estudiosos, um deslocamento em razão direta de suas necessidades e desejos, e razão inversa às limitações de sua liberdade.

A viagem é vista pelo homem como forma de adquirir experiências. Um dos motivos que o leva rumo ao desconhecido é a expectativa, aliada à curiosidade por lugares que se revelam diferenciadores daquilo que, normalmente, ele está acostumado, e ao mesmo tempo, lhe proporciona uma identificação que o torna sujeito das construções humanas. As experiências de pessoas que visitaram determinados lugares veiculados em revistas, *folders*, novelas configuram um grande recurso para atrair o turista. As obras literárias constituem também um recurso que pode contribuir de forma significativa para isso.

Entendemos que os recursos culturais turísticos precisam de produtos que suscitem alternativas para um melhor aproveitamento, tanto com relação à estrutura física quanto a sustentabilidade do patrimônio cultural da localidade.

O presente trabalho traz para discussão a necessidade de se criar alternativas de atrativos turísticos, aliados a sustentabilidade do patrimônio cultural, para uma localidade. A partir da compreensão da cultura enquanto um conjunto de sistemas simbólicos – interação, crenças, hábitos singulares – manifestados através de várias formas de expressão, dentre elas a literatura, pois sendo esta vinculadora da mídia interfere naturalmente no imaginário das pessoas, aguçando sua curiosidade e suscitando um “trânsito turístico do leitor ficcional”¹.

Dentro dessa perspectiva, temos a intenção de trabalhar o turismo cultural de São Luís a partir das representações construídas no romance literário, particularmente, o romance Os Tambores de São Luís, de Josué Montello. Tal escolha está associada ao fascínio que a

¹ Expressão usada pela autora Maria de Lourdes Netto Simões.

obra de Montello tem despertado em diversos turistas².

Partimos de uma análise bibliográfica de temas pertinentes à área de turismo, relacionando-o à literatura e seus vínculos com a cultura, e das interpretações do imaginário popular.

Para realização de nosso trabalho foram feitas visitas a Casa Josué Montello, aos Centros de Cultura de São Luís, aos órgãos públicos pertinentes ao setor de turismo, a alguns hotéis e pousadas da cidade e às instituições de pesquisas bibliográficas.

Dessa forma, com o objetivo de traçar uma relação existente entre o turismo, turismo cultural e literatura que este trabalho primeiramente se realiza, com uma visão que permite mais um olhar artístico de tudo que representa a oferta turística cultural.

Nosso trabalho está assim dividido: Num primeiro momento, apresentamos uma contextualização das viagens como uma realidade designada na sociedade atual. Num segundo momento, apresentamos um estudo do turismo cultural em duas partes: a que descreve alguns dos atrativos culturais de São Luís abordados na obra *Os Tambores de São Luís* e contextualizados com a obra, servindo desse modo como uma referência para posterior entendimento desta; e a que visa criar produtos diferenciados, a fim de que elevem a demanda turística de forma racional.

Posteriormente, apresentamos uma breve bibliografia da vida do autor, dando destaque a que este trabalho se propõe analisar. Pois, entende-se que os meios acadêmicos e as épocas históricas muito influenciam nas construções literárias dos autores.

Segue-se, então, com uma releitura da obra *Os Tambores de São Luís*, buscando extrair dela aspectos sociais, econômicos, históricos e produções culturais da sociedade ludovicense do século XIX e meados do século XX. Tal estudo tem o intuito de fundamentar questões relacionadas com o que a cidade tem a oferecer como bens culturais.

² Em conversa com alguns turistas, constatamos seu interesse em conhecer histórias, becos e ruas de São Luís mencionados na obra *Os Tambores de São Luís*.

Nesse sentido, propõem-se roteiros que tenham como foco histórias, lendas, costumes, vida de diversas pessoas e função dos monumentos em épocas passadas, contextualizadas no presente, buscando analisar como são descritas na obra e como se inserem, hoje, no patrimônio cultural da cidade.

Assim, trabalhamos na perspectiva de que a literatura oferta bens culturais direcionadores de um turismo cultural, na medida que mantém um diálogo com acontecimentos históricos, por meio de seu caráter mimético; de representação da realidade. A obra *Os Tambores de São Luís*, por exemplo, apresenta diversos personagens que fizeram a história do Maranhão. Citamos aqui o poeta Gonçalves Dias, Ana Rosa Ribeiro, mulher do Barão de Grajaú, D. Ana Jansen.

Diante dessa perspectiva, a Literatura mantém um estreito laço com o social. Esse caráter é alvo de atenção de estudos nas áreas das ciências humanas como Letras, Sociologia, História. Em áreas como o Turismo, a literatura tem sido alvo de pesquisas – citamos aqui o trabalho de Carvalho, 2001 – tendo relevo seu papel como atrativo turístico.

2 TURISMO E SOCIEDADE

O ser humano, segundo a história, não nasceu propriamente um turista, mas com a curiosidade de conhecer e dominar lugares que despertavam nele o sentido de uma aventura emocionante e ao mesmo tempo perigosa. Os deslocamentos dos povos da Antiguidade, em tempos passados, eram motivados, de certa forma, por imposições geográficas-naturais, pelas expulsões de seu local de moradia na dominação de seu território por outros povos, por questões religiosas e por conquistas territoriais além-mar, ocasionando, através das Cruzadas, um dos maiores deslocamentos voluntários da história da humanidade.

Em todas as épocas, isso sempre esteve presente. No entanto, só a partir do Renascimento, com as refinadas viagens da aristocracia, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre a sua cultura e de outros povos, e na visitação a monumentos e obras de arte da Antiguidade, é que se atentou para a importância dessas viagens como fenômenos sociais e culturais. Viajar deixou de representar, na maioria das vezes, o desejo de fazer descobertas e passou a representar o de aprender alguma coisa.

Com o passar do tempo a concepção de viajar foi se modificando. A partir do século XIX, as viagens deixaram de ser motivadas por conquistas, trabalho e negócios na maior parte do tempo e começaram a ser vistas também como forma de descanso e lazer. O que era antes privilégio de alguns, passou a ser conquistado pela grande maioria. A sociedade humana adquiriu, por meio de leis trabalhistas, a necessidade da mobilização, das férias, das viagens, isto é, seus direitos sociais. Esse benefício levou a sociedade moderna do século XIX e XX a transformar a figura do viajante em turista, alguém que busca conhecer lugares distintos do seu cotidiano, seja por sua significação natural, histórica e cultural e/ou pela oportunidade de viajar e de fugir da rotina massificante do dia-a-dia, da moradia e do trabalho.

Romero (1977 apud YAZIGI, 1996, p. 27 e 28) destaca que “as teorias que explicam os deslocamentos humanos sustentam que viajar autenticamente é partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, do interior de si mesmo para o exterior do outro”.

As grandes diferenças culturais e naturais, entre os países e até mesmo entre diferentes regiões do mesmo país são consideradas elementos estimuladores que desencadeiam e estimulam os deslocamentos humanos. E é a existência dessas diferenças que provoca e aguça as aspirações e necessidades das pessoas, fazendo do turismo um dos principais fenômenos sociais, econômicos e culturais do mundo.

O turismo cultural, que tem como base de sustentação o patrimônio cultural e ambiental, e concebe tudo que esteja relacionado ao conjunto de crenças, valores e técnicas no meio ambiente, é compreendido como meio de acesso a essas construções humanas. Seu alicerce está baseado nas tradições, história, manifestações folclóricas, religiosas de uma cidade, estado, região ou país; e representa uma dentre as diversas formas que as pessoas buscam para preencher um “vazio” existente na sociedade.

Isso acontece num momento em que a sociedade busca perceber a si própria quando objetiva conhecer os lugares de memória, como afirma Rodrigues (2001, p. 17):

Além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva e individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentido de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva.

A atividade turística é produto dessa sociedade inquieta e mobilizadora que busca incessantemente ir ao encontro do passado, que se desenvolve sob o impulso de várias motivações, principalmente no consumo dos bens culturais produzidos pelo homem, uma vez que os recursos turísticos culturais são produtos diretos das ações, sonhos, realizações e manifestações culturais humanas.

O turismo resulta de uma experiência cultural enriquecedora para os visitantes

com a aquisição dos valores que eles e os visitados possuem na contribuição para a preservação dos bens culturais das localidades. Pois, como aponta Beni (2001) em seu subsistema cultural, que muito do patrimônio cultural foi salvo do desmoronamento, mais por forças do turismo do que ao valor que lhes era atribuído pela população local e que estes percebendo a importância do seu passado cultural conscientizaram-se para a necessidade da continuação histórica e cultural de seus valores.

Vários autores da área observam que as interpretações dos patrimônios culturais e naturais devem ser integradas à comunidade local por meio de seus símbolos, etnias, cotidiano, história com o objetivo de promover o resgate de sua identidade cultural, com fins de criar atrativos com diferenças para compor a cadeia turística e tendo como apoio o turismo sustentável que está diretamente ligado à idéia de um turismo sensível, suave e “inteligente”³.

Considerar a literatura como “marketing” para uma cidade é transformá-la num agente vinculador de turismo e cultura. No caso particular de São Luís, é mostrar o seu patrimônio cultural através das obras literárias de seus escritores, que embora utilizem em sua maioria personagens fictícios, são muitas vezes baseados em relatos históricos documentados e registrados pela história oral do povo da cidade.

³ Termo usado pelo autor Mário Beni.

3 LITERATURA E TURISMO CULTURAL

3.1 Para uma Nova Compreensão do Turista nas suas Relações com o Patrimônio Cultural

O conceito de cultura possui uma gama de significados que vão variar de acordo com os contextos que estão inseridos. A sua própria origem tem a raiz em *colo*, que significa o ato de lavar a terra, dando, pois, uma noção de que a mesma gera frutos que vão ser cultivados de acordo com o conhecimento acumulado por uma determinada sociedade.

A partir de novas experiências, em diferentes momentos e em diferentes áreas, a humanidade vai gerando produtos culturais com um determinado nível de conhecimento que de acordo com o tempo, espaço e lugar vão se modificando e ampliando-se.

Nesse sentido, Tylor (apud PETER, 2002, p. 75) define cultura ou civilização como um “[...] complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como um membro da sociedade”.

Peter destaca a palavra “adquiridos” como de grande importância para o conceito de cultura, ressaltando que a cultura diz respeito à interação entre as pessoas e como essas aprendem na convivência uma com as outras.

Quando pensamos em cultura, pensamos em uma série de hábitos, valores, práticas, técnicas, símbolos e formas de pensar que são transmitidos às novas gerações, mas que só são concretizadas com a interação, ou seja, com uma permanente troca.

Nesse sentido, a cultura deixa de ser pensada como algo estático e imóvel e passa a ser vista como uma construção histórica da vida humana conforme afirma Santos (1996, p. 47):

O fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultura pode

ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental.

Deste modo, a cultura é um processo, sendo assimilada e transmitida através dos produtos culturais representados pelos artefatos materiais, pertencentes ao cotidiano das populações e pelas manifestações da cultura imaterial que é fruto das relações sociais de determinados grupos.

Diferentes segmentos sociais lidam com os produtos culturais – uma obra plástica, uma música, um prédio com valor histórico-arquitetônico, um livro, etc. – e o turismo é uma dessas atividades que tem na cultura um objeto de trabalho.

Diante desse aspecto, o turismo através do segmento cultural é apresentado como uma das formas de se apreciar a cultura como ressalta Barreto (2000, p. 19):

Entende-se por turismo cultural todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato, ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange.

A cultura apropriada pelo turismo é aquela cujos resultados são produtos de manifestações concretas da vida e do cotidiano das comunidades, sejam elas populares ou eruditas. É qualquer tipo de manifestação que venha atrair, unir o convívio entre as pessoas.

O turismo cultural, assim pensado, elimina a idéia de lugar fixo, de que é constituído somente em torno de grandes signos culturais. Ele também é formado a partir da relação entre as pessoas e os ícones na construção das relações sociais. Ao se materializar, os bens culturais adquirem uma forte carga simbólica.

A relação com os ícones culturais é assim apontada por Gastal (1998, p. 109):

Se os viajantes/visitantes forem informados sobre o contexto social que a gerou – onde a obra foi criada, como viviam as pessoas ali, como era seu cotidiano – elas passaram a olhá-la com novos olhos [...] em vez de oferecer apenas o produto, estaremos oferecendo um processo [...].

O turismo passa a ser, nesse caso, um dos fatores que ocasionam o processo de aproximação do presente com o passado ao resgatar o modo de vida de uma sociedade em

determinado momento. Ele detecta os lugares da memória revelando a identidade do lugar e ajudando os visitantes a captar sua essência.

MacCannell (apud BANDUCCI JR, 2001, p. 59) diz que: “os turistas anseiam por ir além do que é normalmente mostrado dos lugares que visitam [...] o turista não se satisfaz com um conhecimento de fachada, superficial, pois também quer penetrar nos bastidores dos lugares por onde anda”.

A alteridade, segundo esses autores, representa o anseio dos turistas que buscam, na cultura do outro, manifestações concretas do fazer de uma comunidade. O diferencial, o que torna essas viagens únicas são as experiências culturais especiais que vão despertar nessas pessoas, de várias origens, aspectos importantes de sua cultura, de sua alma enquanto sujeitos das transformações culturais da vida.

Nessa perspectiva, o turismo cultural almejado pelo turista é aquele que tem como atrativos o patrimônio cultural, que, segundo Pelegrini Filho (1993, p. 96), é “todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da coletividade, da região, da época específica, permitindo melhor compreender o processo histórico”.

O patrimônio cultural possui diversas formas de expressão durante esse processo histórico. Ele é formado tanto pelo patrimônio histórico-arquitetônico, pelas manifestações imateriais da vida, quanto pelos artefatos materiais – prédios, monumentos, conjuntos, lugares – que representam um grande apelo para o turismo, pois é nele que são vivenciadas as trocas sócio-culturais entre os grupos, logo, as realizações humanas.

O patrimônio cultural não se restringe apenas às edificações, à arquitetura, mesmo que estas tenham um forte sentido para a comunidade em que estão inseridas. O patrimônio cultural é resultado também das manifestações simbólicas como as danças, a culinária, a literatura e os traços culturais.

O conceito de Patrimônio Cultural é bastante amplo, pois abrange todos os bens tangíveis e intangíveis. De acordo com Barreto (2000, p. 11), ele é: “o conjunto de todas os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõe a sociedade”.

Nesse sentido, o turismo cultural possibilita a apreciação de realidades diversas, pois o turista não busca apenas o produto a ser assimilado; ele quer vivenciar momentos prazerosos e diferentes do seu dia-a-dia.

A procura pelo turismo cultural é vista hoje pelos visitantes como uma busca por mais autenticidade nas destinações. É o “*novo turista*” que segundo Cooper (2001) não quer mais uma experiência passiva, mas um entender a maneira como o povo vive seu ambiente local.

Junto a essa procura por cultura, Margarida Barreto (2000, p. 22) destaca também o crescimento do turismo urbano: “a procura é pela cultura atual e também pela passada. Assiste-se atualmente a uma procura sem precedentes por lugares históricos, ligados a *petite histoire* ou aos grandes feitos da história política e social mais ampla”.

Nesse contexto, as cidades emergem como um espaço privilegiado, pois desde o início do século XX, principalmente no Brasil, vão se concentrando nos centros urbanos fatos e acontecimentos que as tornam ricas de simbolismo e produções culturais.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) (apud GASTAL, 1998) detectou em 1997, que o envelhecimento das populações faz com que haja um aumento na procura por cidades e conseqüentemente uma busca crescente pelas atrações culturais que as mesmas podem oferecer.

Portanto, os ambientes, principalmente as cidades, devem ser vistos como um enigma a ser desvendado pelos visitantes, onde eles encontrem as singularidades do lugar, seus símbolos e significados mais marcantes. Sobre isso Murta e Albano (2002, p. 10)

destacam: “Numa cultura ocidental globalizada, que busca entretenimento a todo custo, é fundamental tocar a emoção, provocar as pessoas, estimular novas formas de olhar, de ver e apreciar”.

É nesse sentido que novas formas de turismo surgem como destaca Gastal (1996 apud URRY, 1998), o pós-turismo denominado assim por John Urry, é caracterizado por envolver experiências pessoais, sociais e culturais mais autênticas e vai muito além do que as destinações turísticas convencionais podem ofertar.

3.2 Visões do Imaginário para o Turismo e o Turista

John Urry (1996) afirma que não existe um único olhar do turista. Ele vai se modificando e desenvolvendo de acordo com o grupo social, a sociedade e o período histórico que está envolto. Esse olhar é construído através dos signos, sejam eles fotos, cartões-postais, filmes, livros, etc. que se direcionam para paisagens que se diferenciam daquelas vivenciadas no cotidiano. Os lugares, segundo o autor, são preteridos por criarem nas pessoas, através do olhar, “devaneios e fantasias” que os levariam a experiências diferentes de todos os dias.

A experiência turística, segundo Urry (1996, p. 18), é fortemente visual, o olhar do visitante procura estabelecer uma comunicação efetiva com a sociedade em que ele está inserido. Ao invés de informações apenas factuais, o turista busca experiências verdadeiramente culturais. Sobre isso ressalta: “tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar”.

Esse fato ressalta uma verdade, a imagem para o turismo é um forte atrativo:

No turismo; usa-se, com certa frequência, a imagem mental, aquela que envolve a criação de uma fantasia ou de um sonho. Passamos a imaginar o lugar como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, uma transposição do real ao imaginário. (BARBOSA, 2001, p. 32)

Nesse aspecto as imagens podem, muitas vezes, sobrepor-se aos lugares, criando os ícones e símbolos. No entanto, o pós-turista não se satisfaz apenas com os signos de um cartão-postal, por exemplo. Seu desejo vai muito além disso. Ele quer saber que aquele símbolo representa, histórico e socialmente, para a sociedade em que se encontra. Longe de significar um fim, a imagem procurada pelo olhar segue caminhos que vão em busca do real, ou seja, do pensar e sentir a experiência de resgatar as representações que os homens produzem de si e do mundo.

Esse domínio do imaginário é construído por um conjunto de representações através do qual se tenta reconstruir o real, reimaginando o imaginário. Os signos, diante dessa perspectiva, vão funcionar como um impulsionador na procura de viver esse imaginário.

Dentre as práticas não-turísticas citadas por John Urry (1996) destaca-se a Literatura, entendida por Massaud Moisés (1970, p.25) como “a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal”, como uma possibilidade de recriar uma identidade emocional no visitante, pois através desta é possível expressar – ficcionalmente – o modo de vida de uma comunidade em um determinado tempo ou momento histórico.

A História Literária, ou melhor, o texto histórico literário proporciona o encontro do real ao imergir no imaginário, pois ele deve ser um relato artisticamente da vida mental de um povo. Ele deve ser concebido nos “combates da vida” Carvalho (1978 apud OLIVEIRA, 2001) ao traduzir a história das suas fraquezas e conquistas. O texto literário tem a característica de dar vida ao real através dos seus discursos figurativos e humanizadores, proporcionando, dessa forma, a verossimilhança.

Essa verossimilhança é trabalhada quando o texto literário baseia-se em fatos e acontecimentos com o propósito de reconstruir o real, quando se fundamenta na relação especial entre um ser vivo e seres ficcionais na construção do efeito de verdade.

O romance histórico é um desses mecanismos que o texto literário encontra para aproximar a linguagem literária das “verdades” da história. Na realidade o que os diferencia é que o relato literário infiltra-se nas dimensões do fictício com o real e o histórico consiste no nível de aprofundamento do real.

Antonio Candido (1968 apud CARVALHO, 2001) afirma que a literatura é uma “necessidade de sonho humanizador” proveniente do imaginário. Mais do que a imagem, a literatura seria o imaginário da história e o romance representaria o elo entre a ficção e a realidade dos acontecimentos históricos. Assim descreve Montello em entrevista a Carvalho (2001, p. 23):

O romance é um gênero que concilia a imaginação e a verdade vivida; nele há a oportunidade de dar uma autenticidade, o que faz com que o romance tenha um conteúdo que dá ao leitor a compenetração, muitas vezes, da realidade factual, que dá a compenetração de que aquilo constitui uma experiência vivida profundamente.

O romance histórico é uma linha do romantismo que tem como fonte a memória coletiva – que constitui um elemento da identidade de um povo – baseada na informação escrita e na história oral, proporcionando uma riqueza de detalhes muito importante para o turismo cultural.

No resgate do passado, a partir do presente, o turista pode visitar a história não só conhecendo as evidências materiais do passado que estão materializados no patrimônio cultural, como também ouvindo os relatos e lembranças dos que vivenciaram e fizeram a história do lugar.

A literatura tem o poder de construir o imaginário. Por isso fascina e engaja o leitor a descobrir os mistérios e conhecer as histórias por ela narradas, fazendo com que turismo cultural seja uma porta aberta que vai além do signo imaginário.

Ao diferenciar-se de outras artes de comunicação humana, e sem diretamente utilizar os meios de comunicação de massa como, por exemplo, a televisão, que é fruto da indústria cultural e geralmente movimenta o turismo de massa, a literatura estimula a

curiosidade, proporcionando uma experiência emocionante, inesquecível e com qualidade.

Os textos literários, através dos romances históricos, podem revelar mensagens e emoções, ao desvendar o Patrimônio. E esta interpretação do patrimônio é vista assim por Murta e Goodey (2002, p.13) assim: “é o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais do lugar”.

Assim, a literatura, além de proporcionar uma melhor compreensão e apreciação do patrimônio cultural do lugar visitado, faz com que seus bens materiais e imateriais sofram menos impactos negativos, haja vista que ela envolve um público educado e bem informado.

Essa preocupação com os impactos que uma área visitada pode sofrer é uma constante no estudo do turismo, ainda mais quando envolve os atrativos culturais, pois são produtos diretos das manifestações culturais.

Sabemos que o Turismo pode contribuir positivamente para uma comunidade, fazendo com que os moradores das localidades dêem importância e continuidade histórica e social a suas heranças culturais no compromisso com o fortalecimento da identidade, da preservação da memória e do patrimônio cultural.

No entanto, o turismo pode também trazer efeitos negativos para uma localidade, ao fazer com que as destinações turísticas corram o risco de reduzir a cultura da comunidade a objetos de consumo, causando um desajuste na sociedade receptora.

Nesse sentido, o turismo cultural faz-se necessário através da interpretação planejada e realizada junto com a comunidade, visando à conservação e gestão do patrimônio. Desenvolvido com responsabilidade o turismo gera a preservação com a participação da comunidade local, despertando a sensibilização na mente e no coração das pessoas, gerando emoções de forma a desenvolver afeições pelo ambiente.

É com base, pois, na potencialidade turística de São Luís que essa cidade

apresenta-se como um foco de turismo cultural, pois através dos seus representantes na literatura, ela pode ser vista como uma cidade de mistérios e segredos a serem descobertos. Uma cidade que carrega uma forte carga simbólica, seja pelo seu patrimônio histórico-cultural, seja por suas manifestações populares, ambas agregadas a uma rica memória coletiva.

4 TURISMO CULTURAL

4.1 A Pujança dos Atrativos Culturais Ludovicenses

A cultura é fruto de um conjunto de características e padrões de comportamentos, crenças, costumes, valores materiais e espirituais transmitidos coletivamente por uma sociedade, e o turismo cultural envolve todas as atividades que se efetuam através de viagens para a satisfação de objetivos como conhecer, pesquisar e analisar dados, obras, ou fatos que fazem parte desses processos culturais.

O turismo cultural contempla as artes, as ciências, ou seja, os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem, através do contato com as manifestações culturais dos locais visitados. O desejo e a necessidade de participar de ambientes e sociedades diferentes da sua, aliados à vontade de obter mais conhecimento, fazem com que os turistas busquem conhecer e vivenciar a alteridade.

Cada sociedade, cada região possui a sua maneira de manifestar a “cultura”, tornando-a singular e importante para o seu grupo. Dessa forma, a variedade de manifestações culturais no Brasil é explicada pelo processo de colonização que o país sofreu, resultando em diversas etnias, tais como o índio, o negro e o branco.

Dentre os Estados do Brasil, o Maranhão é um dos que possui uma forte ligação cultural com essas três raças. A capital, São Luís, sempre foi um foco de convergência delas, proporcionando uma mistura de influências étnicas e culturais que serão percebidas na culinária, no artesanato, nas manifestações folclóricas. Na culinária há uma grande variedade: os guisados, ensopados e cozidos, adicionados aos quiabos, jerimuns e macaxeiras; os doces de frutas regionais como o buriti, o bacuri, a juçara, o cupuaçu, o murici, o cajá; as bebidas feitas a partir dessas frutas como os vinhos, as emulsões, os licores à base de mandioca e

catuaba, os bolos de macaxeira, tapioca, milho. A maioria dos pratos maranhenses é acompanhada de frutos do mar, o que faz da pesca um meio de vida e também de luta pela sobrevivência. Do contato com o mar nasce um tipo de artesanato – tradição de origem cabocla, passada de pai para filho – feito em miniaturas que imitam com perfeição de detalhes as embarcações usadas nas costas litorâneas do Maranhão.

A variedade artesanal de São Luis é muito rica. Além de decorativo, os azulejos pintados à mão, as rendas de bilro, os vasos de cerâmica e porcelana, o artesanato também tem a função utilitária, representado pelas redes, tapetes, chapéus feitos da matéria-prima da fibra do buriti e da palha do babaçu.

Dentre as danças que compõem a cultura popular maranhense, destacam-se aquelas que fazem parte das manifestações culturais ludovicenses. Estas, de caráter religioso e profano, obedecem a um calendário de festas e eventos oficiais da Cultura Popular. O Bumba-meu-Boi, o Tambor-de-Crioula, o festejo do Divino Espírito Santo, a Dança do Lelê, o Cacuriá e o Carnaval de Rua são apenas alguns exemplos da diversidade cultural das danças ludovicenses.

O bumba-meu-boi é a manifestação cultural mais expressiva do Estado. Sua origem é incerta, por isso admite-se que ele seja visto a partir da valorização dos elementos étnicos que não se dá de forma individual ou privilegiada, mas de acordo com as contribuições sincréticas das etnias branca, negra e indígena no processo de sua formação.

O certo é que, na capital, essa manifestação, durante alguns anos do seu início, estava confinada à marginalização, uma vez que ela era associada a todas as mazelas sociais. Só por volta da década de sessenta – no século XX – que ela passa a ser recebida pela sociedade ludovicense. Ao longo desse período de opressão, o bumba-meu-boi não só passa a ocupar novos espaços na cultura popular como também empresta a sua feição cultural ao Maranhão.

Classificado como uma manifestação folclórica de caráter dramático, essa dança tem no seu auto a história de Pai Francisco e sua tentativa de ressuscitar o boi de mais apreço do seu patrão. Com personagens como a Mãe Catirina, Amo, Doutores, Pajés, Curadores, Vaqueiros, Índios, a dança possui um caráter alegórico tornando-se simples, engraçada e alegre.

O bumba-meu-boi é popularmente conhecido por seus sotaques que podem ser de Matraca ou da Ilha, Zabumba, Pindaré ou da Baixada, Costa de Mão e de Orquestra. Integrante de um processo mítico, essa dança faz homenagens a Santos. A figura do Boi é apenas um veículo de aproximação entre os devotos e seus santos. Santo Antônio (13), São João (24), São Pedro (29) e São Marçal (30) recebem cantos e danças durante os festejos juninos. Já nos festejos da Igreja Católica esses santos recebem rezas e sacrifícios.

Outra manifestação cultural do Maranhão é o Tambor-de-Crioula. Originária do Congo e Semba, e herança dos africanos de Cabo Verde, essa dança não tem data específica para se apresentar, logo pode ser vista durante todo o ano. Dançada por descendentes de negros africanos no Maranhão, ela presta louvor a São Benedito, o Santo Preto. Marcada pela “punga” ou “Umbigada”, seus dançarinos usam indumentárias como saias coloridas e rodadas, blusas de rendas, turbantes e colares. Enquanto as mulheres dançam, os homens apenas tocam seus tambores – crivador, tambor grande e socador –, feitos de troncos de árvores e couro de animal.

Essa dança trazida pelos escravos serviu na época da sua chegada ao Maranhão como uma forma de alívio e alegria nos momentos em que não eram oprimidos e explorados. As danças e a religiosidade negras eram vistas como uma ameaça à sociedade, daí as perseguições da polícia, do catolicismo, dos meios de comunicação, sobretudo na primeira metade do século XIX. No entanto, mesmo às escondidas e perseguidos eles praticavam e vivenciavam suas raízes e resgatavam sua religiosidade.

No Maranhão, a religiosidade afro-brasileira que teve maior influência e ganhou um espaço singular na capital foi o Tambor de Mina. Representado pelas casas: “Casa das Minas” e “Casa de Nagô”, ela foi implantada na primeira metade do século XIX e seus cultos são direcionados e participados predominantemente por mulheres; os homens desempenham um papel muito limitado.

A palavra *tambor* deriva da importância que esse instrumento tem nos rituais de culto e Mina da origem dos negros – Costa da Mina. Os negros africanos trouxeram dois modelos de tambor de mina. O mais antigo é o mina jeje, que se estabeleceu na Casa das Minas Jeje (Querebentan e Zomadônu); recebe voduns e possui como instrumentos três tambores com couro numa só boca, batidos com a mão e acompanhados pelo ferro e por cabaças. Nas festas as mulheres usam saias estampadas ou de uma só cor, blusa branca rendada, toalha bordada amarrada na cintura ou no seio, sandália e rosário de miçangas.

Como todas as outras religiões de origem africana no Brasil – candomblé, xangô – o Tambor de Mina se caracteriza pelo transe. Este é muito discreto e é iniciado com muitas voltas ao redor de si mesmo e no sentido contrário aos ponteiros do relógio, criando um efeito visual muito bonito.

A contribuição cultural da raça negra no Maranhão e em São Luís é vista tanto nas manifestações da cultura popular quanto no patrimônio arquitetônico da cidade, pois a mão-de-obra africana, originada do tráfico negreiro, ajudou a construir as coreografias de algumas danças maranhenses, assim como, contribuiu com harmonia e beleza na construção dos grandiosos e belos casarões coloniais de São Luís, hoje conhecidos mundialmente como Patrimônio Cultural da Humanidade.

A UNESCO (Organização das Nações para a Educação, Ciência e Cultura) reconheceu, em 4 de dezembro de 1997, a cidade de São Luís como Patrimônio Cultural da Humanidade, isto por seus aspectos culturais e pelo fato de a cidade possuir o maior e mais

homogêneo conjunto arquitetônico civil dos séculos XVIII e XIX da América Latina.

Esse título deve-se graças aos engenheiros “portugueses”, “ingleses” que se estabeleceram aqui no processo de colonização, mas acima de tudo, ao tráfico de negros africanos para o Maranhão que ajudaram com sua força de trabalho nas lavouras algodoeiras e de arroz do Maranhão a tornar São Luís, no século XVIII e XIX, a quarta cidade em importância econômica do país.

A Praia Grande, bairro onde se concentra a maior parte desses casarões, foi a mais beneficiada pelo “boom” econômico do Estado, acontecido entre os períodos de 1750 a 1889, em virtude do ciclo do algodão, no começo do século XIX, e do açúcar, a partir da metade desse mesmo século. São Luís, nesse período, transformou-se através do Porto da Praia Grande em uma das principais cidades com produtos de exportação para o mundo.

Meirelles (2001) citando Caio Prado Júnior afirma que “o algodão apesar de branco tornara negro o Maranhão”, em virtude da grande leva de escravos africanos que chegaram ao Maranhão, levando a capital à quarta cidade brasileira em população. Essa grande quantidade de africanos vieram, principalmente, para o estado, a fim de servirem como braço servil nas lavouras algodoeiras; na capital eles vão ajudar também na construção civil dos prédios e como empregados domésticos nas residências.

O trabalho dos negros permitiu construir em São Luís uma classe social opulenta. A aristocrática colônia inglesa e o incitamento do comércio francês de artigos de luxo deram a São Luís um refinamento que segundo Meirelles (2001) é conhecido como “Idade do Ouro no Maranhão”. São comerciantes, principalmente ingleses, que acumularam grandes fortunas e proporcionaram, através das importações e dos seus investimentos, uma urbanidade singular para a capital.

Esses comerciantes enchem-se de produtos ingleses, franceses e portugueses, dentre eles, a cerâmica, que terá funções utilitárias e decorativas nas residências. Os azulejos,

com seu material esmaltado coruscante e sua sólida argamassa cozida, serviam para conservar melhor as fachadas dos casarões, pois resistiam às fortes chuvas de inverno e refletiam os raios solares, de forma que as construções absorviam menos calor.

Por utilizar azulejos nas fachadas dos prédios, São Luís ficou conhecida, já no século XIX, como a “Cidade dos Azulejos”, ou melhor, “la petite ville aux palais de porcelaine” (cidadezinha dos pequenos palácios de porcelana).

Com o apogeu econômico do estado, os navios, além de trazerem de Portugal cerâmicas, tecidos, móveis, jóias, perfumes, desembarcavam também as últimas novidades da literatura francesa, possibilitando aos filhos da elite o contato com novos horizontes culturais, como afirma Meireles (2001, p. 260):

O desafoço econômico e o enriquecimento particular permitiram aos grandes senhores do Maranhão, desde o último quartel do século XVIII, o luxo de mandar seus filhos, os futuros condes, viscondes, barões, moços fidalgos, e comendadores, a estudar na Europa principalmente em Coimbra, mas não raro na França e na Alemanha, de onde voltariam bacharéis e doutores em leis, filosofia, medicina, matemática.

A riqueza algodoeira e os engenhos de açúcar permitiram construir em São Luís, entre os períodos de 1832 a 1894, a idéia da “Atenas Brasileira”, quando intelectuais, romancistas e naturalistas maranhenses como Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, Gentil Braga, Sousândrade, Artur Azevedo, Graça Aranha, Coelho Neto, João Lisboa, Dunshee de Abranches ganharam projeção nacional, sobretudo nos campos das letras (poesia, prosa, romance, teatro) ao renovarem os movimentos literários e influenciarem com a tradição de ensino das letras clássicas.

Com idéias abolicionistas, alguns desses letrados, negros escravos, negros livres e brancos contribuíram para o fim da escravidão, levando ideais de liberdade e igualdade e criando um espaço mais digno e de contestação pela luta negra: o Centro Artístico Abolicionista Maranhense.

No entanto, acompanhando o processo econômico do final do século XIX, com as

conseqüentes crises internas dos produtores de exportação e a abolição da escravidão – haja vista que a base de sustentação da economia maranhense era baseada no trabalho escravo – o estado entra em colapso econômico, ocasionando a falência de vários produtores rurais e a decadência da Praia Grande, onde se localizava o principal porto de exportação da cidade.

Com o fim das atividades agro-exportadoras, os fazendeiros tentam evitar a derrocada dos capitais comerciais e agrários e investem o que lhes resta para retomar a economia, implantando, no início do século XX, vários parques manufatureiros. A população livre e ociosa se emprega nessas fábricas, deixando aos poucos o centro da cidade.

No período de transição entre o século XIX para o século XX, negros e crioulos circulam livremente nas ruas, construindo suas casas em novos bairros operários, transformando o bairro da Praia Grande. Durante as décadas de 30 a 70, o bairro passa a figurar como um bairro reservado ao meretrício.

Segundo Meireles (2001), o bairro da Praia Grande sofreu quatro crises. A primeira deu-se com a abolição; a segunda quando o bairro ficou confinado a “pessoas de vida fácil” e a boêmios; a terceira com a mudança de seus moradores, devido à facilidade dos transportes; e a última com a transferência do porto desse bairro para o Itaqui.

Durante algum tempo, essa área, que teve um papel importante na formação econômica, política e social do estado, passa a ter mesmo com todas as suas relíquias culturais, o aspecto de periferia da cidade, sofrendo um processo de depreciação e vandalismo.

Diante da realidade em que se encontravam os casarões, e percebendo a importância e a necessidade de conservá-los, governo, município e empresários buscaram elaborar e implantar projetos e programas que preservassem e dessem novamente vida ao bairro da Praia Grande.

Hoje essa área transformou-se na grande “vedete” do turismo cultural de São Luís,

atraindo um considerável número de turistas para a cidade e possibilitando um desenvolvimento econômico e um intercâmbio cultural para os ludovicenses.

Assim, São Luís, a partir da sua história, dos seus aspectos geográficos e da fusão de raças, vai-se moldando numa cidade com uma forte cultura popular; com um legado arquitetônico – que conta com aproximadamente 3.500 imóveis de valor histórico e arquitetônico dos períodos colonial e imperial, de tipologias, distribuição interna e revestimento de fachadas únicos na América Latina; com um legado literário – destacam-se aqui as figuras de Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Sousândrade, Ferreira Gullar, Josué Montello e outros; e, também um legado humano excepcional.

4.2 Um Produto-Âncora para São Luís

Caracterizado como um serviço à disposição dos homens, o turismo tornou-se um setor de importância e significados globais. A atividade turística dentro de um mundo de constantes mudanças, tanto no que diz respeito às suas necessidades, quanto no que diz respeito à natureza de seus consumidores, precisará ser criativa para oferecer produtos que satisfaçam o novo-turista (COOPER, 2001).

Atualmente vive-se numa sociedade da comunicação na qual informações chegam instantaneamente de qualquer parte do mundo. E como veiculador de cultura, o turismo é uma opção, mas ele só será uma opção prazerosa se for feito “in loco” e com a capacidade de ser apreendido pelo visitante.

Dentre os três elementos importantes para o futuro do turismo – inovação, desempenho e qualidade – Beni (2001) destaca a criatividade, ou seja, a imaginação como uma das formas de um destino se firmar no mercado turístico.

Pires (2002, p. 57) propõe novas maneiras de incrementar a visitação. Através da

“ambientação”, a localidade pode criar um diferencial para aqueles que a visitam. Segundo o autor, ela assim se caracteriza:

Sua principal característica prende-se à criação de uma atmosfera específica, proporcionando ao visitante um escape à rotina cotidiana, por meio das experiências não vivenciáveis no dia-a-dia [...] a ambientação de base histórica não deve ser vista apenas como mais um atrativo turístico, mas como um elemento que pode ser decisivo na estratégia mercadológica da destinação.

As atrações-âncoras, advindas dos grandes supermercados e lojas de departamento, por garantirem expressivos números de visitantes e compradores, são estratégias eficazes na diversificação e consolidação do produto turístico (MURTA, 2002).

Nesse contexto, o uso da cidade como um espaço privilegiado quanto à concentração de atrações, serviços, simbolismo e produções culturais vai responder a um crescente interesse pelo Patrimônio cultural, haja vista que essas áreas ofertam um leque de opções de produtos turísticos e envolve experiências sociais e culturais diferentes de acordo com a região.

O governo do estado, através de planos com o objetivo de desenvolver a atividade turística em todo o Estado do Maranhão, vem implantando uma forte mídia, nos principais meios de comunicação do país, com o intuito de divulgar as manifestações folclóricas e o Patrimônio cultural e natural do Estado.

A área que antes se encontrava em estado de deteriorização sofreu várias intervenções por parte dos governos estadual e federal. Este, percebendo a crescente deteriorização desse patrimônio determinou, através do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o tombamento federal de vários monumentos e conjuntos urbanos ao longo dos anos 40 a 80.

Atualmente sob a responsabilidade dos governos federal, estadual e municipal o Centro Histórico de São Luís é alvo de dois projetos que visam a sua preservação e revitalização: o PRODETUR (Programa para o Desenvolvimento do Turismo), que atua no perímetro reconhecido pela UNESCO, uma vez que São Luís é Patrimônio Cultural da

Humanidade, e o Projeto Documento elaborado pela FUNCMA (Fundação Cultural do Estado) que visa registrar toda a trajetória da transformação da cidade em Patrimônio Mundial.

Dentre as políticas traçadas pelo estado destacam-se a de orientação do Programa de Desenvolvimento do Turismo através da restauração e preservação do patrimônio arquitetônico e ambiental do Centro Histórico, em condições de utilização e apropriação social, e o de priorizar ações de fomento e geração de emprego como meios de intensificar essa área no destino do turismo cultural, através da potencialização turística do patrimônio arquitetônico.

Já o município, por meio dos projetos “*Turismo educativo*” e “*Maracanã*” tem a função de sensibilizar a população local, principalmente as crianças e os jovens de São Luís, para a importância de conhecer, preservar e valorizar o patrimônio histórico e cultural da cidade.

Esses são alguns meios que os órgãos municipais e estaduais têm feito para divulgar a cidade e atrair os visitantes. No entanto, sabe-se que isto não basta. É necessário criar atrações que satisfaçam o desejo do turista de viver dias diferentes daqueles a que está acostumado no seu cotidiano, fazendo com que ele permaneça por mais tempo na cidade.

Assim, existem outras formas de abordar a história e mostrar o rico patrimônio cultural, como afirma Martins (1999, p. 19):

As novas leituras de São Luís não se limitam ao patrimônio material, ou podem ser vistas somente na escrita tradicional da história, pois abrange um amplo espaço simbólico de sentidos e significados, captados pela literatura poética e a criação lendária, além das artes plásticas, fotografia e vídeo.

A literatura poética representada por diversos poetas e escritores pode levar a história da cidade, seus costumes, hábitos, manifestações da cultura popular para além dos espaços da literatura. As obras literárias – romances, poesias – descrevem esses aspectos da cidade, fazendo com que os leitores se interessem em conhecer a realidade em que os

personagens são inseridos ou as paisagens descritas.

A exemplo desses tipos de atrativo, escritores como Jorge Amado e Machado de Assis abordam, em suas obras, a vida e o cotidiano de seus estados, cidades de origem.

Jorge Amado faz um retrato do povo baiano, seus sofrimentos, encantos e atrações, despertando em leitores brasileiros e estrangeiros vontade de conhecer os cenários descritos por ele. Com Machado de Assis, o Rio de Janeiro pode ser desvendado. Suas obras descrevem uma cidade de morros, o centro, bairros como o Botafogo e seus casarões aristocráticos e posteriormente burgueses.

A literatura torna-se, assim, uma proposta enriquecedora e valorizadora da cultura, pois singulariza a cultura dos patrimônios naturais e culturais – vivência, paisagem, herança, danças, prédios – de cada região. Os roteiros literários podem ser uma das importantes maneiras de contextualizar os atrativos e dinamizar o potencial da atração turística de uma localidade.

Tal idéia é reforçada quando esses roteiros são oferecidos e explorados pelo turismo cultural de diversos países e regiões do mundo. Como afirma Simões (2003, p. 4):

A literatura muitas vezes funciona como guia da cozinha típica: há que se comer os bolinhos da Gabriela, quando se visita a Ilhéus, de Jorge Amado; ou as queijadinhas, quando se vai à Sintra, de Eça de Queirós[...] Aspectos característicos do viver: os costumes das cultura do cacau, em Adonias Filho ou Ciro de Mattos; o gaúcho, de Érico Veríssimo; a cultura da uva, lendo Vindima de Miguel Torga; ou as circunstâncias da guerra colonial em Angola, através de Luandino Vieira ou Pepetela (...) aspectos da topografia local, a paisagem: o Rio Cachoeira, de Telmo Padilha; ou o Tejo, de Fernando Pessoa. Ou religiosos, curiosidade por determinados ritos conhecidos através da literatura: como foi o caso de André, de Cavaleiro Andante, do português Almeida Faria; ou, ainda, as crenças e superstições moçambicanas; os hábitos, o contato com o falar das gentes, através de Mia Couto.

Simões (2003, p. 4) destaca a função que a literatura tem em oportunizar, através do imaginário, o interagir com os bens materiais e imateriais povoados nos textos literários:

Os passeios pela cidade são verdadeiros trajetos turísticos, de percursos e conhecimentos das cidades. Lembro-me mesmo que, eu própria, fiz isso lendo A Décima Noite, de Josué Montello. Percorri a Rua do Sol, a Travessa dos Veados, sentei-me na Praça dos Amores [...] por isso a cidade de São Luís do Maranhão teve para mim um encanto especial. O prazer de ler o livro redobra-se, quando vemos o seu cenário ao vivo! Interagimos com os personagens, relemos a cidade por outras perspectivas.

Essas estratégias são percebidas quando o Estado de Minas Gerais, com o objetivo de buscar um maior espaço no mercado do turismo cultural, implanta museus em diversas cidades natais de escritores mineiros, como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. No esforço de regatar e criar um “turismo de memória” o Estado propõe Seminários internacionais sobre a vida dessas personalidades e em especial a criação de um roteiro pelos cenários geográficos de toda a obra literária do autor de “Grande Sertão: Veredas”, Guimarães Rosas.

Nesse aspecto, destaca-se o romancista Josué Montello como um escritor que descreve muito bem o Estado do Maranhão e principalmente a cidade de São Luís; suas ruas, lendas, mistérios, ou seja, a “alma” e a “estrutura” dos bairros e praças que são constantemente tomadas como pano de fundo para seus romances.

Assim o conhecimento de uma cidade passa também por sua literatura, poesia e arte. E observando o cenário descrito na obra “Os Tambores de São Luís” percebe-se que a literatura é uma das formas de se pré-apresentar a cidade para os turistas que desejam conhecer São Luís e almejam reconstruir o percurso dos personagens, em particular o de Damião.

Antes de percorrermos os caminhos de Damião, faremos uma breve apresentação da vida e obra de Josué Montello que, em quase todas as suas produções literárias, mostra-se fiel e apaixonado por São Luís.

5 JOSUÉ MONTELLO: Vida e Obra

Josué Montello nasceu a 21 de agosto de 1917 em São Luís do Maranhão, numa casa simples de duas janelas e uma porta, na Rua dos Afogados, nº 117, quase esquina com a Rua do Pespontão, e passou sua infância e juventude numa casa na Rua dos Remédios, nº 331, da qual recorda-se dos quadros com versículos bíblicos nas paredes das salas e dos corredores, da cadeira de balanço na varanda e da negra Verônica.

Filho de Antonio Bernardo Montello, de origem italiana, e de Mância de Souza Montello, de origem portuguesa, Josué de Souza Montello teve contato com a leitura ainda muito cedo. Dos oito irmãos, só ele inclinou-se para as letras, embora sua irmã Elizabeth, que morreu ainda adolescente, tenha posto em suas mãos os primeiros livros de leitura.

Montello fez o curso primário na Escola Modelo Benedito Leite, e no Liceu Maranhense concluiu o curso secundário, antes de mudar-se para Belém, em 6 de abril de 1936, indo morar no Rio de Janeiro em dezembro do mesmo ano.

Aluno do Liceu Maranhense destacava-se em sua vocação e no cenário maranhense. Aos quinze anos de idade, Montello já assinava um pequeno artigo sobre educação no Jornal Imparcial de São Luís.

Participante ativo de movimentos estudantis, dirigiu, aos 17 anos, um periódico do mesmo ginásio, denominado *A Mocidade*, no qual publicou seus primeiros trabalhos literários. Foi professor do Liceu Maranhense aos 18 anos incompletos. Desde cedo, Josué Montello fez-se mestre, jornalista, romancista, cronista, ensaísta, historiador, teatrólogo, reitor, orador, memorialista e escritor.

Entre seus livros, existe um, ainda inédito, intitulado – Como e porque sou Romancista – em que conta um pouco de sua vida pessoal e fala da carreira de escritor. E é ele mesmo que, segundo Cabral (1979, p. 21 e 22), se descreve assim:

A esta altura da vida, compassando o que realizei e lembrando os ideais da juventude, posso dizer que não traí minha vocação. O caminho que comecei a trilhar na adolescência, obedecendo ao chamado de minha sensibilidade e de meu espírito, é o caminho que continuo a seguir, com a algazarra dos meus netos em meu redor.

Sua dedicação à literatura acompanha-o até os dias de hoje em um processo de amadurecimento intelectual que aos poucos foi lhe permitindo constituir uma obra com marcas próprias que expressasse sua maturidade como romancista. Seu primeiro livro publicado – *História dos Homens de Nossa História* – foi escrito no mesmo ano em que chegou a Belém, juntamente com um colaborador e amigo, Nélcio Reis. Mas foi considerado por Montello apenas um exercício e não seu verdadeiro romance.

Seu primeiro romance, segundo ele, só veio com a trilogia, em 1940, “*Janelas Fechadas*”, “*Sobrado*” (*cenar da vida burguesa*) e “*Cidade Iluminada*”, no qual se identificavam duas linhas: a do cenário que pretendia fixar aspectos e costumes de São Luís, e a da narrativa, que o inseria na velha tradição do Naturalismo literário.

Suas publicações seguintes foram “*Luz da Estrela Morta*” (1948), em que abandona as raízes maranhenses, e “*Labirinto de Espelho*” (1952), todos editados no Rio de Janeiro e que têm sua narrativa também marcada pelo naturalismo literário.

Josué Montello é considerado um escritor de muitas facetas, pois possui uma vasta obra que se estende nos mais diversos gêneros, entre eles: vinte e seis romances, quarenta e quatro ensaios, duas crônicas, quatro educacionais, cinco histórias, quatro antologias, sete diários, nove novelas, vinte e cinco discursos, quatro histórias literárias, dez literaturas infantis e juvenis, nove peças de teatro, biblioteconomias, cinema, memórias que se elevam a mais de 160 títulos.

Ressalta-se ainda, a difusão de três romances que foram traduzidos para as línguas inglesa, castelhana, francesa e sueca, no qual se destacam *Cais da Sagração*, *Os Tambores de São Luís* e *Noite Sobre Alcântara*, além dos romances *A Coroa de Areia* e *Largo do Desterro*, editados em Portugal. Contam-se também nove novelas com três traduções, duas em

castelhano e uma inglesa.

Dentre os quarenta e quatro ensaios destaca-se a presença de Machado de Assis em cinco destes, entre eles *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, cuja influência será marcante em suas obras. Dentre os seus sete diários, *Confissões de um Romancista* é o que tem mais destaque. Ele é encontrado na Introdução Geral de Josué Montello: Romances/Novelas e aborda sua trajetória como escritor, falando de suas raízes numa cidade que é tão bem lembrada em seus romances.

A variedade de gêneros é uma das diversas características de Josué Montello. No entanto é no romance que ele pensa ter encontrado o seu caminho e sua realização enquanto escritor, pois nesse gênero, como ele mesmo afirma, poderia fazer de seus personagens “gente mesmo com suas imperfeições e suas grandezas” (MONTELLO, 1986).

Mas foi só no seu quinto romance, logo depois de *Décima Noite* (1959), com *Os Degraus do Paraíso* (1965), que Montello (1986, P.47) publicaria o livro que o faria “chorar sobre ele”. Como descreve suas próprias palavras:

E nunca havia ocorrido comigo, ao longo da redação de meus romances, afinal aconteceu quase ao fim de *Os Degraus do Paraíso*, a cena da morte de Morena, isolada em seu quarto, a penetrar do outro lado da vida com a sensação de que as ondas lhe cobrem o corpo na orla da praia, eu as vi com os olhos molhados, sentindo que a emoção me pungia e dilacerava. Algumas vezes parei a cena para enxugar os olhos.

Anos depois, uma leitora desconhecida veio a mim para me fazer essa pergunta:

- Como é que eu faço para ler as cartas que Cristina escreveu para Dona Mariana e ela não abriu?

- Continuaram fechadas, minha senhora.

[...] No entanto, para mim, como romancista, o que deu mais alto prêmio é a pergunta que me fez aquela senhora .

Foi no romance também que Josué Montello pôde reviver sua cidade natal ao escolhê-la como cenário para vários deles. A esse respeito Montello (1986, p. 62) faz a seguinte referência:

Situado num pequeno espaço de uma geografia urbana bem definida, distribuí o romance em pontos diversos de São Luís, como testemunho e história de vários segmentos sociais, daí resultando o vasto mosaico em que se inserem denúncias e testemunhos, como espelho das vidas a que dei vida, segundo o caminho que se me abriu na juventude quando recolhi da minha casa, o fascículo de um romance.

Montello, no amadurecer de sua carreira literária, sofre uma grande influência de Machado de Assis. O uso da memória, em que o autor ocupa o centro de cena, a narrativa em primeira pessoa e a riqueza de detalhes expressam a aproximação das obras desses escritores. Como destaca Manuel Bandeira (1999, p. 27): “a primeira qualidade de Josué Montello, revelada desde as primeiras linhas, é a sua escrita. Uma escrita que, como a de Machado de Assis, parece passada a limpo. Não há nunca um excesso, um desleixe”.

E para Wilson Martins (1979, p. 16):

É ainda na família machadiana que podemos incluir o Sr. Josué Montello, cujas novelas acabam de obter o sucesso de público e de crítica que se conhece. Um conto como o velho diplomata é uma obra-prima do seu gênero e serviria de resto para mostrar que o Sr. Josué Montello sabe ir discretamente além de Machado de Assis.

Os trabalhos de Josué Montello inicialmente são marcados pela memória involuntária. Em *Cais da Sagração*, seu sexto romance, ele inaugura uma nova técnica que é extraída do neorealismo americano, o *flash-back*. Essa técnica consiste no uso da memória na escrita, o que permite o autor utilizar-se de um movimento temporal, ou seja, sem uma ordenação cronológica rígida.

Essa técnica vai ser mais bem trabalhada na narrativa de *Os Tambores de São Luís*, no qual o enredo da obra decorre durante uma noite e algumas horas da manhã seguinte e no qual Josué Montello retrata o conjunto da sociedade maranhense do século XIX no tempo da narrativa.

Outra característica de Montello é o gosto pela história que passa para suas obras ao imprimir em algumas delas o romance histórico. Este gênero que teve grande popularidade no romantismo é a linha que faz com que suas obras sobre o Maranhão se localizem entre o monumento e o documento.

Ao projetar o Maranhão como cenário de seus romances, Montello descreve um Maranhão real, com seus personagens típicos que vão da fantasia à realidade. Ele trabalha um Estado, que tão bem conhece, com seus costumes, cotidiano e anseios, sem que isto o impeça

de utilizar sua criatividade ao desenrolar seus desfechos surpreendentes.

E é isso que vai inspirá-lo a escrever seu próximo romance – *Cais da Sagração* (1971). Romance que inaugura uma nova fase da escrita monteliana, fase esta com maior intenção em registrar a vida maranhense, ou seja, uma maior preocupação em construir romances históricos que descreva tudo o que tenha conhecimento ou presenciado sobre o Maranhão.

Em *Cais da Sagração*, Josué Montello retrata o mar que marcou a sua infância, os ruídos das ondas, a luz do entardecer, os barcos e o Centro Histórico de São Luís no seu esplendor e na desestruturação do comércio da Praia Grande.

Além de ficcionista, Josué Montello tem na base de seus romances argumentos que são reais. *Os Tambores de São Luís* é um desses romances de fundamentação histórica, para o qual foram necessárias pesquisas e estudos de documentação da época. O desfecho do crime cometido por D. Ana Rosa Ribeiro contra os maus-tratos contra seus escravos é bem ilustrativo disso. De posse do processo judicial incriminatório o escritor declara:

Eu havia pensado em incluir no livro, como um de seus episódios capitais, o famoso crime da baronesa de Grajaú, de tanta repercussão na sociedade maranhense do Império. Onde encontrar o seu relato? E eis que um dia de passagem por Brasília, nas minhas andanças administrativas de reitor, fui almoçar na casa do Senador José Sarney. Conversa vai, conversa vem, e entre o tinido dos talheres e a mudança de pratos, falei-lhe do crime, para ver se ele poderia ajudar-me a recompô-lo. Sarney saiu da mesa e voltou daí a momentos com dois volumes compactos de papéis velhos, que passou as minhas mãos: “aí você tem o processo da baronesa. É seu. (Os TSL, 1985, p. 614 e 615)

São Luís é descrita por Montello em muitos romances, mas como ele mesmo afirma, faltava-lhe ainda um romance que retratasse todo o sofrimento do negro maranhense.

A esta sede de escrever Montello (1986, p. 54) afirma:

Poderia eu, na verdade escrever um romance do negro maranhense? Sobre ele, dois romances tinham sido escritos: um de Astolfo Marques, *A Nova Aurora*; outro, de Nascimento de Moraes, *Vencidos e degenerados*. Mas ambos não tinham transpostos os horizontes do Maranhão circunscritos ao aplauso local [...]. Eu queria escrever um romance mais amplo, de linhas mais profundas, e que fosse a própria saga da escravidão na ânsia de liberdade.

Nessa perspectiva, Montello escreveu *Os Tambores de São Luís* (1975), uma obra ficcionista, com base na realidade histórica. Uma obra inédita na literatura brasileira que exprime a humilhação a que foi condenado o negro na sociedade brasileira.

Recriando os fatos em termos de ficção, Montello une o Histórico ao literário, os personagens científicos aos reais, personalidades que marcaram a história do nosso Estado. Em *Os Tambores de São Luís* muitas linhas são dedicadas a Governadores do Maranhão, aos Bispos que ocuparam a Igreja da Sé de São Luís, às histórias de Ana Jansen, e até homens ilustres como Sousândrade.

Além desses setes romances que já foram mencionados, Montello produziu mais dezenove, mas foi com *Os Tambores de São Luís* que ele se tornaria mais conhecido e lido no mundo, como ressalta Jorge Amado (1999, p. 29): “O romance *Os Tambores de São Luís* significa o momento culminante da obra do ficcionista, obra que cresceu harmoniosamente e não aos saltos, apurando-se em livro, em técnica, vigor, experiência e riqueza humana”.

Dessa forma ao conciliar realidade e ficção essa obra tem um valor histórico, pois se subordina a um contexto social, cultural e político delimitado no tempo. E é ela que será trabalhada com mais detalhes a seguir. Um Maranhão real e imaginário que se revela na Literatura e que se serve ao Turismo.

5.1 Uma Releitura da Obra *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello

A escolha desse romance para trabalhar a produção cultural de São Luís justifica-se por considerarmos que entre os romances de Josué Montello, *Os Tambores de São Luís* se detém no objetivo de traçar uma visão da cultura maranhense e a opressão da aristocrática sociedade maranhense contra os negros no século XIX. Duas culturas se cruzando, uma com referenciais europeus; outra com referenciais africanos.

Assim, conhecer as formações culturais do Maranhão através da obra de Josué Montello é descobrir o ventre de uma cultura já descrita no capítulo anterior, no qual revelam-se características culturais das quais o Estado/Capital vivencia e tem a oferecer como atrativos culturais. Dessa forma, trabalhar com esse romance é necessariamente situar no espaço tempo o desfecho que se dá no século XIX. É buscar uma referência na qual essa cultura é fruto e de como ela foi gestada.

Quando se procura ver o espaço turístico de São Luís na perspectiva narrada por Josué Montello em *Os Tambores de São Luís*, temos a frente um grande desafio, que se delinea a partir da busca de uma compreensão do tempo, espaço e personagens da cidade que se fundamentam numa forma de escrita literária. Sendo, pois, a fonte utilizada um romance temos necessariamente que compreender o processo histórico e analisar os espaços que funcionam como pano de fundo na escrita desse livro.

O romance, diferentemente de outros gêneros, apresenta em sua estrutura elementos que simulam a realidade, permitindo, a partir do trabalho com acontecimentos e personagens, o retrato de uma época e o desenvolvimento histórico e social vivido. Contudo, essa realidade pode ser modificada de acordo com a concepção estabelecida pelo escritor. A construção da ficção através de personagens históricos – que são fictícios – é feita por meio de evidências da época histórica registrados pela Imprensa e outros documentos.

Os Tambores de São Luís tem seu enredo no século XIX durante o Império, retratando a opressora aristocracia maranhense, assim como a resistência negra a ela. Este processo abordado vai desde a formação de quilombos até as campanhas abolicionistas conscientizadoras que convivem com a crise do Império brasileiro. Como romance histórico, ele aborda o contexto político, econômico e social do Maranhão, em especial o processo de Proclamação da República e da Abolição.

O livro tem como personagem principal Damião, e sua narrativa ocorre na noite

em que esse mesmo personagem percorre a cidade de São Luís e relembra a cada esquina, a cada passo, os fatos do passado que teria vivido ao longo de sua vida. O autor dá a Damião a função de revelar, às vezes como personagem constituinte da história, e outras vezes como um narrador onisciente, através da memória, os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade do século XIX. O autor descreve através desse personagem fictício, mas representativo de uma coletividade, um fundo histórico ocorrido no Maranhão.

A narrativa, em *Os Tambores de São Luís*, é marcada quando Damião sai de sua casa no centro da cidade em direção a Gamboa, para conhecer seu trineto que está para nascer. Nesse percurso ele vai relembando a época em que era escravo e todo o sofrimento que ele e sua família tivera que passar na fazenda Bela Vista, em Turiaçu, para enfim obter sua liberdade, na capital. No entanto, ao chegar à capital São Luís, Damião depara-se com uma sociedade preconceituosa e perversa com os negros, e é aí que ele vai atuar para tentar transformar essa sociedade escravocrata do século XIX.

A cronologia desse romance perpassa dois tempos⁴: o presente em que ele sai de sua casa à noite para visitar seus parentes na Gamboa e no dia seguinte quando toma conhecimento de que o corpo que tinha visto naquela madrugada era de seu filho com sua primeira esposa, Aparecida; e o passado que é marcado pelas lembranças de Damião na fazenda, no interior do Maranhão, e quando chega e permanece em São Luís.

No presente, Damião está com oitenta anos num cenário de uma São Luís do início do século XX, com seus casarões, calçadas, ruas iluminadas por bicos de gás, advento das novidades da tecnologia como a energia elétrica, os bondes, a água encanada, mas também o ruído dos cavalos no calçamento a puxar os carros e os sons dos tambores de mina que soavam tão bem aos seus ouvidos e que o faziam lembrar de suas origens e do passado em que fora escravo, quando morava na Fazenda Bela Vista.

⁴ Cronologia do espaço e tempo em *Os TSL* da Prof^a. Ms. Conceição Carvalho. Ver ANEXO A.

Já no passado, Damião representa elementos que fizeram parte da sociedade ludovicense do século XIX. Ele é um personagem representativo de uma coletividade, sua vida é baseada em homens negros e mulatos que tiveram ou não um espaço para ser ouvidos. Sua história é narrada a partir do contexto sócio-econômico e político vivenciado nessa época.

Com relatos memorialistas, Damião faz sua caminhada em direção à Gamboa, sempre a escuta dos tambores e relembrando, a cada passo, fatos do passado. Através dessas histórias, Montello dá a *Os Tambores de São Luís* uma verossimilhança com o processo histórico do qual esse personagem faz parte.

Como afirma Carvalho (2001, p. 58): “O leitor acompanha essa construção de espaços e tempos que compõem a trama da narrativa como um observador que segue toda a trajetória e que deve montar as peças do mosaico para interpretar a coerência global da narrativa”.

O leitor, a partir de uma leitura não linear vai descobrindo uma São Luís do presente e do passado na memória de Damião – que é o fio condutor da ação. Ele pode, juntamente com Damião, caminhar e conhecer ruas, casarões, igrejas, praças, histórias, lendas e personagens – verdadeiros ou fictícios – que fazem desse livro um atrativo para vivenciar de perto as histórias contadas e descritas pelo autor.

No presente, a partir da saída de sua casa até a Gamboa, Montello vai descrevendo o percurso de Damião pelas ruas da cidade, desde a parada na esquina da Rua das Cajazeiras, até adentrar na Rua de São Pantaleão, no qual observa a Igreja⁵ de mesmo nome e o céu que se apresenta para ele assim: “uma fatia de lua nova, por cima da igreja de São Pantaleão uma tênue claridade violácea descia sobre a cidade adormecida, com a multidão de estrelas *que* faiscavam na noite do estio”. Talvez a aura que envolve o cenário de São Luís na qual quem pela cidade pernoita acorda poeta dá a São Luís um ar de mistério e fascínio.

⁵ Conferir foto em ANEXO B.

Através desse recurso, o autor sinaliza o deslocamento que é feito pelas ruas por onde Damião passa. Seu espaço não se desloca, pois São Luís passa a ser mais uma personagem que se deixa percorrer, fazendo assim com que o leitor se interesse em conhecer de perto os signos descritos ou mencionados por Montello na obra. Este envolvido pela aura poética da cidade faz do seu personagem central um poeta.

E é o poeta Damião que passa a noite percorrendo as Ruas de São Luís. A cada passo, a cada esquina, a cada paralelepípedo ele relembra os fatos e acontecimentos. Com o cenário de uma São Luís do início do século, com ruas bem calçadas e iluminadas pelos bicos de gás ingleses, o autor mostra uma cidade influenciada pela “modernidade”. As ruas que antes eram simples linhas de comunicação passam no começo do século, como afirma FILHO (1962), a ampliar sua área de expansão social.

A São Luís do século XIX, com suas ruas estreitas onde imperavam a cadeirinha, a rede, a serpentina, o carro e a esquife, passa, aos poucos, a deixar de ser um campo reservado para os negros serviçais, moleques e as negras do baralho. Segundo Vieira (1962) a topografia de São Luís, com elevações e depressões, contribuiu para dificultar o arranjo urbano da cidade. Utilizando as técnicas de socalco os construtores da época amenizaram esses problemas, facilitando o deslocamento e proporcionando às ruas funções socializadoras.

No enredo de *Os TSL*, o autor revela uma cidade com seus progressos urbanísticos, realizados entre fins do século XVIII e inícios do século XIX. Nesse período, principalmente durante o século XIX, verificamos o esplendor da vida são-luisense. São estilos de vida opulentos decorrentes do empresariado rural enriquecido e do comércio urbano crescente.

O cotidiano de São Luís com “as moças nas janelas, criando calos nos cotovelos, para ver quem passa” e “as rodas no Largo do Carmo, ao cair da tarde, quando o vento é mais fresco, saindo da rua do Egito, e dá gosto comentar ali a vida alheia”, as ruas, fontes, largos

arborizados e refinamento no vestuário das pessoas são aspectos descritos por Montello:

Em vez de voltar logo ao Paço, Damião retrocedeu junto à porta da Sé, e passou para a calçada do largo do João do Vale, que lhe ficava quase fronteiro. Foi indo devagar, contornando o gradil que protegia a praça arborizada. E ia vendo cadeirinhas douradas, suspensas no ombro dos negros, e carruagens puxadas pelo galope das parelhas, e cavalos de sela garbosamente montados, e transeuntes que iam e vinham pela calçada – uns senhores de preto, com bengala, cartola e luvas; umas senhoras de chapéu de palha, vestidos de cauda e sombrinha de cor, e também negras com panos-da-costa, batendo na cantaria do chão o pleque-pleque das sandálias de cetim. Mas via também negros de ganho, achatados pelos fardos que levavam na cabeça, subindo o aclave das ladeiras, e escravos com mascaras de flandres. (Os TSL, 1985, p.186).

Os contextos sociais abordados no livro, sobre costumes e hábitos ludovicenses e a citação de praças, mesmo tendo hoje outras denominações servem de apoio à obra e é fundamentado na realidade. Moraes (1995, p.130 e 131) faz a seguinte referência:

Acusação das más-línguas, a que opomos nossa veemente contradita, apesar das seculares e eloqüentes evidências do largo do Carmo, onde não é de hoje que funciona o DIVA – Departamento de Investigação da Vida Alheia. Em 1829 não existiriam bancos no Largo do Carmo. Mas havia o celebre laboratório de drogas e mexericos do Padre Tesinho e, no meio do logradouro, o pelourinho, em cuja base faziam serões conhecidos fuxiqueiros da cidadezinha de então.

E são nesses logradouros que Damião passa a noite e o começo da manhã seguinte caminhando. A Rua da Cotovia, da Inveja, do Passeio, que descreve como “longa, retilínea, [...]. Casas com azulejos de um lado e do outro, com grades de ferro rendilhadas, vidros coloridos no leque das janelas, um ou outro portal de pedra” (Os TSL, 1985, p. 16), do Mocambo, de Santana, do Oiteiro e que segundo ele “mais a frente era o Largo do Quartel, no qual ia dá com a Rua da Horta, o Largo da Cadeia, a Praça do Jenipapeiro e por fim a Gamboa, com a sua bisneta”.

Assim, o autor faz um convite para que as pessoas conheçam junto de Damião, uma cidade construída pelas dimensões humanas, quando as distâncias e medidas de comprimento ainda eram adotadas, tendo como escala as polegadas, palmos, pés, braços e passos, ou seja, partes do corpo humano. Como afirma Joaquim Itapary (Apud LIMA, 2002, p. 18):

A bela São Luís é daquele tempo. Seu traçado urbano, a largura e o comprimento das ruas, travessas e becos, a área de suas praças, a testada de seus casarões, o tamanho das casas e a dimensão de seus cômodos, tudo foi riscado, desenhado e construído em escala humana.

Durante esse trajeto, Damião vai descrevendo o cenário de uma cidade com seus mirantes, casarões⁶ de características portuguesas peculiares e suas lendas. E são estas que durante sua caminhada nos faz lembrar de pessoas importantes no contexto histórico da sociedade ludovicense. Ao escutar o ruído dos cavalos, o estrondo das rodas e o espectro de uma rua deserta, de imediato Damião recorda-se da lenda da carruagem de Ana Jansen:

Damião se lembrou que Donana Jansen saia de seu túmulo nas noites de sexta-feira, e dava uma volta comprida pela cidade, numa carruagem puxada por duas parelhas de cavalos-sem-cabeça, com um esqueleto na boleia brandindo o chicote. Só se ouvia o ruído das rodas e das ferraduras, despencando ladeira abaixo (Os TSL, 1985, p. 17).

Ao destacar a imagem de Donana Jansen como um símbolo de austeridade que usa do seu poder econômico e audácia para se impor à sociedade, o romance apresenta, por meio do trabalho com personagens e acontecimentos reais, o retrato de uma época e o contexto social e histórico. No universo das relações sociais do qual Damião faz parte, o autor mostra a aristocracia comercial do século XIX em São Luís, homens ricos, detentores de poder, muito prestígio e escravos. Pontua grandes comerciantes tais como Antonio Meireles e Raimundo Teixeira Mendes que tiveram com Ana Jansen diversos problemas políticos. A passagem que segue, conta a proeza do Comendador Meireles em mandar confeccionar nos fundos de penicos a foto de Ana Jansen⁷:

Dias e dias, já fazia alguns meses, era o assunto de São Luís inteira, nas rodas do Largo do Carmo, nas conversas do Passeio Público, no cochicho das sacristias. Inimigo de Donana Jansen, com quem vivia as turras, o Comendador Meireles tinha mandado preparar na Inglaterra, para vendê-los quase de graça, um milheiro de belos pinicos de louça, com a cara da velha no fundo do vaso. Donana Jansen soube do fato e suportou com paciência o riso da cidade. Não reagiu logo: deu tempo ao tempo, enquanto ia mandando comprar, aos dois, aos três, as dezenas, na loja do comendador, os penicos com seu retrato, até ter a certeza de que, agora, sim, só ela os possuía. (Os TSL, 1985, p. 17).

⁶ Conferir ANEXO C - Foto dos casarões portugueses.

⁷ Conferir ANEXO D.

Um outro acontecimento é o caso do boicote que ela aplicou à Companhia das Águas do Rio Anil:

Quando o Dr. Raimundo Teixeira Mendes, com o seu diploma de doutor conquistado em Paris, criou a Companhia das Águas do Rio Anil, propondo-se canalizar água potável para São Luís. Donana Jansen foi a única pessoa da cidade a duvidar da iniciativa do jovem engenheiro[...].

Moço, voluntarioso e competente, o Dr. Raimundo Teixeira Mendes, com surpresa de toda a cidade, decidiu enfrentar Donana Jansen. A velha não queria que a obra fosse feita? Muito bem: ele ia levá-la adiante![...].

E a verdade é que a cada reparo na canalização das águas, Donana Jansen tinha sempre um expediente novo para tontear seu adversário.[...].

Nhô Mundico, embora moço, terminou cansando. E não se limitou a largar de uma vez a caixa d'água, a canalização de alvenaria, os chafarizes ingleses, a bomba hidráulica – morreu pouco depois, deixando o campo livre aos negros de Donana Jansen, que voltaram a entoar a horas certas o pregão de outrora:

– Água fresca! A vinte réis o caneco! (Os TSL, 1985, p. 318).

Em *Os TSL*, o autor destaca a importância que a figura de Ana Jansen tem na sociedade maranhense do século XIX. A partir do personagem Damião, o autor infere assim a respeito do poder que ela possuía:

Ainda ao tempo do quilombo de seu pai, ouvira falar em Donana Jansen, nas conversas dos negros que tinham vindo de São Luís. Quem mandava e desmandava no Maranhão, era ela. Mais que o Bispo. Mais que o presidente da província. Até o Imperador, na corte, fazia o que ela queria. Quando abria seus salões para dar uma festa, a cidade inteira se movimentava com as idas as lojas da rua Grande e da Rua Formosa, o estrondo das carruagens nas pedras do calçamento, a azáfama das modistas, o corre-corre dos cabeleireiros franceses, as toaletes que vinham de Paris e Lisboa. Nas eleições da Província, só ganhava quem tinha o seu apoio. E aí de quem se atravessasse no seu caminho!(Os TSL, 1985, p. 318).

N'Os *TSL*, a construção dos personagens leva em consideração fatos reais pesquisados em jornais e documentos da época. Sua composição interna tem uma relação forte com a história. Essa atenção dada por Montello justifica a presença de numerosas figuras públicas, da própria história maranhense. Como exemplo ilustrativo temos abordado na obra o processo de Ana Rosa Ribeiro, dama escravocrata da sociedade maranhense no século XIX, que se vê, pela primeira vez no banco dos réus, acusada de ter matado a chicotadas um escravo menino. Ana Rosa Ribeiro era esposa de Carlos Fernandes Ribeiro, o Barão de Grajaú, homem de grande influência na província, e que foi acusado de comprar os jurados para absolver sua mulher do crime que cometeu.

Como viu, nossa legislação é democrática: o júri, não: o júri é aristocrático, refletindo nossa elite e deixando influir por ela. Com a lei, pude prender Dona Ana Rosa Ribeiro, e propus a pena que ela merecia. No júri, coríamos o risco de perder e perdemos. A elite de que faz parte Dona Ana Rosa influenciou nos jurados. Talvez o resultado fosse outro, se houvesse negros ou mestiços no conselho de sentença. Com o tempo, chegaremos lá (Os TSL, 1985, p. 501).

Outro episódio curioso acontecido na cidade de São Luís e narrado n’*Os TSL* é o caso que envolve o desembargador José Candido Pontes Visgueiro e uma jovem mulata,– Maria da Conceição, morta a crueldades pelo amante em 14 de agosto de 1873. Possuído por violentos ciúmes, Pontes Visgueiro tinha verdadeiros ataques de cólera sempre que a surpreendia com outro homem (MORAES, 1995). Maria da Conceição era, segundo o narrador, dona de beleza singular:

[...] tipo miúdo que os cabelos crespos alteavam, olhos levemente estrábicos, a boca fechada num começo de amuo, pingentes de ouro nas orelhas descobertas, os seios tufados, uma fita azul prendendo o camafeu que lhe enfeitava o colo, cintura fina, quadris espartilhados, e sempre com um fino leque de madrepérolas que lhe dera o desembargador (Os TSL, 1985, p. 400).

São Luís apresenta, assim, rica em sobradões de azulejos, sacadas de ferro, pedras de cantaria, telhados, e também em lendas, amores, mistérios e memórias pessoais que se colocam em extremos opostos, pois são carregadas de vingança, barbaridades, paixões libertinas e explosões de ódio alucinado, assim como de mitos, histórias e heroísmo. E é nesse leque de possibilidades que o turismo se encaixa para transpor o livro e fazer sentir e vivenciar de perto a cidade.

Em sua maioria, os romances que Montello adapta do mundo real para o universo de seus romances formam caricaturas da aristocracia ludovicense. O histórico e o literário unem-se para retratar pessoas que representaram as glórias literárias e públicas como Sousândrade, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Paula Duarte, Celso Magalhães, Temístocles Aranha, dentre outros que ganham um memorial expressivo no romance.

A sociedade marcada em *Os Tambores de São Luís* tem nesse mesmo período poetas, escritores, que vão veicular para o resto do Brasil uma intelectualidade ímpar. Por

volta do século XIX, viajantes que passavam pela cidade já comentavam sobre o nível intelectual dos maranhenses. O pastor americano, Danial Parish Kidder, de passagem pela região em 1841, afirmava que os intelectuais maranhenses “alegam possuir, e não sem razão, um grau de desenvolvimento intelectual e moral” comparáveis a grandes cidades do Brasil (CALDEIRA, 1991).

Assim, transpondo o mundo real para o romance fictício, Montello retrata figuras da literatura maranhense, quando descreve através da desilusão amorosa de Gonçalves Dias o prestígio que o mesmo tinha nas principais províncias do país:

O nosso Gonçalves Dias, amigo intimo do Dr. Teófilo Leal, apaixonou-se por uma cunhada deste, a Ana Amélia, e a pediu em casamento a Dona Lourença Vale, mãe da moça, e que Vossa Reverendíssima também conhece. O Gonçalves Dias não é um homem qualquer – é o maior poeta do Brasil e amigo pessoal do Imperador. O maranhão não tem glória mais alta. Pois nada disso teve o menor significado para a nossa Lourença, diante desse fato, de que o Gonçalves não tem culpa: – ser ele mestiço e filho bastardo. E respondeu ao poeta, numa carta, co um não redondo. Não dava a filha a um mestiço. Mas a verdade é que o Gonçalves Dias, se quisesse, podia vir a São Luís, e levar a Ana Amélia, que estava disposta a fugir com ele. E não foi isso que ele fez. Humilhado, guardou a magoa. E ao chegar ao Rio, casou numa das mais importantes famílias da corte (Os TSL, 1985, p. 147).

Outro escritor que Montello destaca é Sousândrade, lembrado por ser o idealizador da bandeira do Estado e pelas palavras de Damião é descrito como um homem solitário e firme nos ideais republicanas:

Na verdade, já o Dr. Sousândrade, por esse tempo, era o homem solitário, com a dupla fama de sábio e de lunático. Viajara pelo mundo, em Londres publicara o seu poema O Guesa, proclamava-se replublicano, morava nos Estados Unidos, e vovlera a São Luís já pobre, para viver isolado. [...]. Nada querendo do Império, pelo qual nutria sistemática repulsa, apenas se consolava de sua insularidade com as visitasões da poesia no ermo quase arruinado de um velho casarão de janelas ogivais, na Praia do Jenipapeiro, à embocadura do rio Anil (Os TSL, 1985, p. 539 e 540).

A outros grandes homens maranhenses é dada atenção. Numerosas figuras da vida pública, da história e da cultura maranhense. São Barões, Condes, Bispos da Sé – entre eles, D. Manuel Joaquim da Silveira, 17º Bispo do Maranhão, tratados como grandes homens – são médicos como Dr. Silva Maia, historiadores, poetas e políticos como João Francisco Lisboa, Odorico Mendes e Luís Domingues.

Conhecer uma cidade de poetas tão brilhantes e que encontravam nas suas raízes um simples motivo para cantar sua cidade é uma tônica a mais para conhecer São Luís. Conforme lembra Moraes (1995, p. 167) “os poetas não morrem. Encantam-se”, logo se fazem presentes até hoje, sejam nas praças, ruas, travessas ou becos da capital.

Alguns personagens fictícios de *Os Tambores de São Luís* têm matizes que as fontes históricas permitem identificar como representativo de pessoas que fizeram parte da História do Maranhão. A homologia entre vários personagens dá a Josué montello subsídios para retratar ilustres homens e mulheres maranhenses.

Através de personagens fictícios, o escritor aborda fatos reais acontecidos com “homens de cor” que se destacaram na política, literatura, educação, como o professor de geografia do Liceu Maranhense, Tibério. A exemplo tem-se o episódio do quadro negro em que Damião é comparado a um bode e onde Dunshee de Abranches (1992, p. 34) relata em seu livro *O Cativo*: “o catedrático de geografia do liceu, o popularíssimo Dr. Tibério, por sua cor morena carregada, era alvo de alusões ferinas de alunos irreverentes. Certo dia, no quadro negro da sua aula, escreveram em fortes caracteres: “Tibério é bode”.

Podemos notar, imbuídas no personagem Damião, várias características de grandes homens do Maranhão. Dentre eles Sotero dos Reis, diretor e professor de latim do Liceu Maranhense, colocado como coadjuvante na narrativa, mas sendo percebidas suas qualidades e experiências profissionais no personagem central:

Tempos depois de seu casamento, e já professor do liceu, Dom Luís Saraiva o convidou, como chefe da Diocese, para reger a cadeira de Latim, no convento das Mercês.

E nisto notou que Dom Luís, no outro lado da sala, depois de tirar um livro da estante veio se aproximando com a vista risonha no rosto de Damião:

-o Dr. Sotero me disse que você é capaz de ler a pagina de um livro, corridamente, uma só vez, e repeti-la décor na mesma hora.[...] (Os TSL, 1985, p. 302 e 305).

Podemos mesmo dizer que muitos acontecimentos verídicos foram alvo de inspiração do autor para retratar, em *Os TSL*, a forma como as pessoas das raças negras ou raças cruzadas eram tratadas. O personagem central, Damião representa a voz e a força contra

opressora de uma coletividade que se via, a todo momento, ameaçada e rebaixada por uma sociedade preconceituosa que refletia a todo custo os valores que nela eram estabelecidos e impostos.

Por mérito ao que sempre ouviu falar da importância que a figura de Catarina Mina⁸ tem para São Luís, por vezes denominando-a de a Chica da Silva maranhense⁹, o autor, em *Os Tambores de São Luís*, faz alusão a ela, destacando que com uma inteligência privilegiada e um extremo bom gosto se fez notar no cenário histórico e social da capital, homenageando-a através de duas personagens fortes e figuras-chave no seu enredo: Genoveva Pia e Benigna.

Em Genoveva Pia, o narrador mostra a coragem e a determinação em dar aos seus irmãos de cor a tão sonhada liberdade como afirma, nesse trecho, o personagem central:

Ela, sim, é que se desvelava, sempre de portas abertas aos que tentavam escapar à sanha de seus senhores, e era também ela que os mandava para longe, nos barcos atracados nas ribanceiras do Bacanga, dispersando-os mar afora, para restituí-los à liberdade (Os TSL, 1985, p. 271).

Já com Benigna, o narrador destaca a beleza e o encanto que essa negra despertava e provocava nos homens de São Luís:

[...] a preta Benigna, famosa por ter virado a cabeça de muita gente importante de São Luís e Alcântara, costumava fazer o seu passeio nas belas tardes de estio, pelo menos uma vez ao mês para olhar as lojas do centro da cidade, [...]. Mais bonita do que ela, tanto de corpo quanto de rosto, jamais aparecera outra negra no Maranhão.[...]. E não era só por ser bonita que a Benigna dava a vista. A negra parecia trazer a sua volta um halo de sensualidade estonteante (Os TSL, 1985, p.217 e 218).

N'Os TSL, o narrador também descreve as relações dos negros com a sua cultura africana, através do tambor de mina, seja no quilombo, na fazenda, ou quando chega a São Luís. O tambor, dentro da narrativa, aparece como um elemento mediador da separação do negro de suas raízes africanas. Colocado no fulcro do romance, ele constitui um elemento simbólico que possibilita o regresso à unidade perdida, por isso pode ser escutado em diversos

⁸ Conferir ANEXO E – Foto de Catarina Mina.

⁹ Informação obtida no livro *Praia grande* do escritor José Reis (2002).

momentos do enredo.

Em meio àquela sociedade hostil, o narrador mostra que os terreiros representavam para os negros, um espaço de liberdade, onde estariam em contato com seus povos, suas crenças, pois mesmo nas fazendas ou na cidade, escondidos ou em praça pública eles viam presentes os símbolos de opressão como o “tronco” e a “chibata”, retratando o tipo de relação existente entre eles e os senhores.

Essa relação pessoa-objeto fazia parte do cotidiano rural e urbano de São Luís e é representada pela voz de Damião, um escravo oprimido desde pequeno, que passa pela morte de seu pai, pelos castigos corporais na fazenda, pela separação de sua mãe e de sua irmã, e, mesmo escravo forro, na cidade, sofre a frustração de não ser ordenado padre pela cor de sua pele. Quando professor do Liceu é demitido e condenado por suas atitudes libertadoras e não submissas ao branco que o julga, novamente por sua cor, de ser incapaz de medir o conhecimento dos filhos dessa sociedade escravocrata.

No entanto, ao mesmo tempo em que Damião sofre com o longo desemprego, resiste a todo sofrimento, lutando contra a opressão social a que sua raça está sujeita. Busca, então, nos terreiros de mina, que é a essência de sua religiosidade, algo que alimente a alma e o espírito para continuar lutando pela liberdade e dignidade de sua gente.

Por diversas vezes, o narrador enfatiza a importância de romper os tambores como meio de alimentar as raízes africanas de povos que tão longe se encontravam da sua terra natal. Através de algumas passagens, o autor trabalha a identificação dos negros com a sua religiosidade africana, ou seja, o forte elo existente entre eles e suas raízes, que, acima de tudo, viam-se reforçados nos terreiros:

O certo é que, ouvindo bater os tambores rituais, como que se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana, enquanto se lhe alastrava pela consciência uma sensação nova de paz, que mergulhava na mais profunda essência de seu ser. Dali saía misteriosamente apaziguado, e era mais leve o seu corpo e mais suave o seu dia [...] era outra vez o negro puro, filho de sua raça, em contato com as remotas raízes africanas (Os TSL, 1985, p. 12 e 16).

Nesse contexto, *Os TSL* mostra como convivem as religiões cristã e africana. A igreja Católica, que faz parte da cultura de diversos povos que formam o estado, cruza-se com a religião africana que mesmo cultivando suas raízes, não deixa de ter contato com a religião dos “brancos”. No entanto, esse tipo de vínculo acontece em torno de uma injunção cultural, ou seja, a adesão dos negros a alguns sacramentos católicos deve-se à imposição de uma cultura dominante sobre uma cultura submissa.

Mesmo assimilando a cultura cristã, os negros não deixavam de, à noite, dançar e receber seus voduns. A luta contra os negros que estão sempre tentando cultivar, mesmo às escondidas, suas raízes, era constante. Contra eles estava toda uma sociedade. Esse antagonismo de idéias pode ser percebido quando o narrador faz referências às proibições das festividades negras nos espaços sociais dos brancos:

Não viste, n’O País de hoje, ou de ontem (já que não me lembro bem), que o chefe de polícia proibiu os fandangos, os tóres, as cheganças e os congos? Considero isto mais grave que o crime de D. Ana Rosa Ribeiro. Acabar com os folguedos dos negros? Em que terra estamos? Seu Damião? Amanhã com o mesmo castigo estúpido, vão querer acabar com o tambor das crioulas e das negras minas (*Os TSL*, 1985, p. 470).

Nesse sentido parece-nos evidente a relação formada pelo autor ao demarcar a religião dos brancos e negros no Maranhão. Como lembra Ferretti ¹⁰ (2004, p. 04):

Em cada grupo religioso e em diferentes momentos dos rituais, é possível encontrar separação, mistura, paralelismo e convergência, que necessitam ser identificados em cada circunstância. Estas situações não constituem o produto de um processo histórico singular, mas variantes que podem ser agrupadas dos diversos conceitos de sincretismo.

Ferretti destaca ainda, que o sincretismo não é atribuído exclusivamente aos fenômenos religiosos, uma vez que as misturas culturais estão intimamente relacionadas à cultura brasileira. As festas populares são exemplo da junção de elementos culturais de origens diversas. No carnaval, bumba-meu-boi, Festa do Divino, nas congadas, encontramos “misturas e convergências culturais, decorrentes dos brancos, negros e dos indígenas que

¹⁰ Ver ANEXO F – material fornecido pelo prof. Ferretti em mini-curso de Religião e Cultura Popular na Regional da SBPC em São Luís em março de 2004.

fertilizaram a cultura nos instrumentos musicais, nos cânticos, nas danças, nas vestimentas, na alimentação, na alegria e na capacidade de organização das festas”.

Assim, ao abordar o cruzamento cultural dessas danças, o autor de *Os TSL* revela a sociedade ludovicense do século XIX com suas referências de vida européia, assim como permite mostrar os folguedos e fandangos, ritos e danças originárias dos negros. A partir dessa relação, o autor infere sobre a importância das religiões cristã e africana, das manifestações populares como sementes que gerariam os frutos do que é hoje a cultura popular maranhense.

Nesse âmbito, o folclore pode ser considerado a expressão cultural mais legítima de uma comunidade. Sua alma expressa, de forma figurada, os rituais e histórias que além de encantarem os turistas estabelece um contato com a comunidade local, tornando-se, assim, um fator de congregação cultural.

A caminhada de Damião, nas noites de São Luís, sempre ao som dos tambores africanos é a forma que o autor encontra para fundamentar a história do personagem e expressar a influência da raça negra nas manifestações folclóricas, ou seja, na formação cultural do Estado. Pois mesmo diante de tantos sofrimentos, o negro buscava nas festas, nas danças, formas para expressar sua cultura e afugentar a alma de toda a humilhação a qual eram submetidos.

Nesse sentido, o narrador menciona em várias passagens do romance *Os TSL* o valor das festas populares – as festas juninas, os reisados, as festas natalinas, o carnaval, a festa do divino - para os negros, conforme iremos observar a seguir.

Na Praça da alegria, no Largo de Santiago, no Largo de Santo Antônio, no Largo do Quartel, estrondavam as matracas, as zabumbas e os maracás, em redor do boi cintilante, que rodopiava e saltava, com seus enfeites de fitas coloridas, as suas capas de veludo, e a cabeça do dançador por baixo do focinho de veludo negro. De repente o compasso das matracas se acelerava, e uma toada irrompia, cantando a morte ou a ressurreição do boi, enquanto dançavam os vaqueiros, o amo, o Pai Francisco, a Mãe catirina, o doutor, os índios e os tocadores, por entre o faiscar dos besouros e dos busca-pés. Iriam assim repetir o auto primitivo, de que ninguém conhecia a origem exata (*Os TSL*, 1985, p. 332).

No Bumba-meu-boi o negro maranhense reconhece suas origens, e encontra, ao mesmo tempo, alegria e a esperança da liberdade, pois no período junino os cativos aproveitam para se divertir e também para tentar fugir de seus senhores:

[...] para a Genoveva Pia, a noite era de trabalho. Refugiados na sua casa, dezesseis negros aguardavam que a velha os livrasse do cativeiro, antes que rompesse o novo dia. Protegidos pelas sombras da noite, tinham chegado até ali cosendo-se às paredes. Alguns traziam no corpo as roupas com que deveriam dançar o bumba-meu-boi (Os TSL 1985, p. 326).

As festas juninas representam um referencial para a cultura maranhense. Nela há diversas formas de expressar o modo de vida e até mesmo as crendices populares dos maranhenses, como é destacado nesse trecho:

Depois, quando as fogueiras diminuíssem de tamanho, mãos amigas se entrelaçariam por cima das brasas, sob a invocação de São João, São Pedro, São Paulo, São Felipe e São Tiago, e daí surgiriam manos, compadres, primos, *tios*, avós, sobrinhos, netos e afilhados, que assim se tratariam até o fim da vida (Os TSL, 1985, p. 326).

Outro festejo de tanta importância quanto o bumba-meu-boi para a cultura popular ludovicense é o carnaval, brincado por brancos e negros: São os blocos de sujos, os entrudos, os bailes tradicionais, os fofões que se divertem nas Ruas Grande, de Nazaré, Formosa, do Sol, da Paz, nos Largos do Palácio, dos Amores. No entanto o principal centro de concentração desta brincadeira na época, era o Largo do Quartel, hoje denominado Praça Deodoro: “Damião repõe no seu lugar a praça de outrora, mais singela, mais romântica, apenas calçada com pedras de cantaria, e onde se dançavam as cheganças, os fandangos e os baralhos, nos três dias de carnaval” (Os TSL, 1985, p. 145).

Percebemos, assim, a importância da religiosidade, das danças, do folclore para a cultura maranhense. É o Tambor de Mina, representando a religiosidade dos negros e seus descendentes; são as Igrejas tidas, como espaço dos Brancos e negros cristãos; as danças do bumba-meu-boi; carnaval, e os próprios tambores como recursos da diversidade de ritmos e sons no Maranhão. Todos eles elementos identificadores do rico acervo cultural que a cidade vive e tem a oferecer como atrativos turísticos.

Diante do mosaico estabelecido pelo autor nessa obra, destacamos também os patrimônios materiais da cultura ludovicense. Através dos prédios históricos e religiosos, das praças, dos artigos de luxo das residências, o autor de *Os TSL* traça o perfil interno e externo das casas e cenários de São Luís no século XIX.

O Liceu Maranhense, assim como outros prédios, monumentos mencionados e descritos na obra têm a função de fundamentar os temas abordados. O Liceu é apontado como uma escola de grande importância na formação educacional e intelectual da sociedade maranhense, principalmente ludovicense, do século XIX até a metade do século XIX. Nele estudaram nomes da política, literatura, historiadores, magistrados que já fizeram e fazem história no Estado.

Segundo Fernandes (1929), o Liceu Maranhense foi criado em 24 de julho de 1838 e instalado no pavimento térreo do antigo Convento do Carmo¹¹, tendo como primeiro diretor Sotero dos Reis. O narrador de *Os TSL* destaca esse detalhe: “seguindo pelo lado da sombra, para tornar mais agradável a caminhada, dirigiu-se ao longo do Carmo, com a intenção de falar ao Prof Sotero dos Reis, no Liceu Maranhense” (*Os TSL*, 1985, p. 315).

Além dessa instituição, o autor dá destaques a vários meios de imprensa como “O país”, de Temístocles Aranha – pai de Graça Aranha, escritor maranhense de repercussões nacionais –, “A pacotilha” e o “Diário do Maranhão”.

Embora possa ter a cidade vários conventos, irmandades, capelas e igrejas, como a de São Pantaleão, Santana, Remédios, do Carmo, da Sé entre outras, elas não foram alvo de tantos investimentos quando comparadas a de outras cidades brasileiras como João Pessoa, Salvador, Ouro Preto, como lembra Moraes (1995, p. 39): “Fala-se que, entre os maranhenses, o sentimento de religiosidade nunca foi generalizado e ardente. É possível que a observação do nosso patrimônio edificado reforce tal avaliação”.

¹¹ Conferir ANEXO G - Foto da Igreja do Carmo.

Dessa forma, podemos perceber que em São Luís as construções residenciais sempre foram prioridades para os donos de posse, pois são evidentes as casas, prédios e palácios ostentosos. Por diversas vezes o narrador descreve a imponência desses “sobradões de pedra e cal, alguns de quatro andares, outros de sacadas de ferro e vários de mirante” (Os TSL, 1985, p. 179). Mas é em outro trecho que o autor destaca, com riqueza de detalhes, o luxo dessas construções, em especial o da Rainha do Maranhão¹², como era conhecida Dona Jansen:

Em breve deu consigo defronte do largo do portal de pedra, o pé direito pronto para subi-lhe o batente de cantaria [...].

O luxo da casa começava no arranjo do amplo vestíbulo, com duas janelas gradeadas sobre a rua, uma de cada lado da porta: tudo reluzia, numa cintilação de espelho novo, desde as pinhas de cristal, nas extremidades do corrimão de ferro envernizado, que acompanhava os degraus da escada, até o metal das ferraduras, aldrabas, pregos e lampiões.[...], do teto, ao meio da entrada espaçosa, pendia imenso lustre de bronze, com dezenas de velas nos braços torcidos que lhe rodeavam a haste central. Em cada canto do vestíbulo, avultavam imponentes jarros chineses; ao meio da escada, um par de galgos de louça portuguesa.[...].

Numa rápida vista de olhos, abrangeu toda a peça, maravilhado. Nunca vira uma riqueza igual, mesmo nos bons tempos de palácio do Senhor Bispo. Os lustres, as porcelanas, os móveis entalhados com fechos de prata reluzente, a floreia descomunal que ocupava o centro da imensa mesa de jantar, as altas cadeiras tauxiadas, a toalha de linho bordada que escorregava para o chão, os quadros, os espelhos, as cadeiras de balanço ladeando o aparador, o jarrão azul de sèvres com um N napoleônico (Os TSL, 1985, p.317 e 321).

Outro espaço destinado ao lazer da elite ludovicense e destacado n’Os TSL é o Teatro Artur Azevedo. Inaugurado em 1817 com o nome de Teatro União, posteriormente recebendo a denominação Teatro São Luís, é descrito por Damião como “mais suntuoso e imponente o casarão do Teatro São Luís, com seu largo vestíbulo, suas sacadas de ferro e seu frontão triangular” (Os TSL, 1985, p. 462).

Embora sejam poucas as referências que o autor dedica à questão econômica, é possível observarmos o painel estabelecido entre os homens ricos, detentores de prestígio e proprietários de escravos, e os pobres, a camada subalterna. Acerca desse contraste, é sabido e marcante até os dias de hoje na cidade, seja através da figura de Ana Jansen, e outros comerciantes, ou por meio de lendas e episódios curiosos e não menos cruéis a forma como a

¹² Denominação feita por Jerônimo Viveiros à Ana Jansen.

maioria dos escravos era tratada:

Ali no Maranhão, os negros eram muitos, talvez mais que os brancos, e todos cativos, com o seu senhor e sua sujeição. Não se dizia que Donana Jansen, para atravessar o alagadiço, à entrada de seu sítio no Cutim, ia pisando sobre os corpos dos pretos, que se deitavam na lama para que a senhora não sujasse os sapatos? Já ele [Damião] havia assistido, mais de uma vez, à entrada repentina de negros fugidos, que saltavam o muro da Sé, por cima da crista de cacos de garrafas, para implorar ao Senhor Bispo, de joelhos, ainda sangrando que os livrassem das iras de seus senhores. Um deles ficara escondido, durante toda uma noite dentro da própria Sé, por baixo do altar-mor, para escapar ao famigerado Cabo Machado, que o perseguia a cavalo, de chicote em punho (Os TSL, 1985, p. 189).

Nesse aspecto, o autor pontua mais um personagem fictício, com base na realidade, ao mostrar o delegado Cabo Machado como uma figura de repressão às atitudes libertadoras dos negros escravos e livres de São Luís:

Um sentimento novo de revolta, que advinha de sua consciência de homem livre que se via estupidamente brutalizado [...]. Foi preciso que os quatro latagões, ajudados de mais dois, voltassem a segura-lo, sem afrouxar-lhes os braços e as espáduas um só momento, para que o barbeiro lhe ensaboasse rapidamente a cabeça. Só assim pôde este corre-lhe a navalha pelo crânio.

Ao se ver no espelho, à luz da vela, com o crânio raspado, Damião pôs-se a morder os lábios, quase cedendo a vontade de chorar. Doíam-lhe as lanhuras da navalha, transformadas em riscos de sangue coagulado. Por que não tornava a rua, ainda naquela noite, para esperar o Cabo Machado na dobra de uma esquina e ensinar-lhe como devia tratar um negro livre? (Os TSL, 1985, p. 275 e 277).

A tortura física, elemento de manutenção do cativeiro, fazia parte da cultura senhorial. No Maranhão, assim como em todo Brasil, a relação de repressão dos senhores contra seus escravos, ultrapassava, muitas vezes, os limites da resistência humana. Esses massacres chegavam até mesmo ser cometidos pela justiça da capital como relata Abranches (1992, p. 102):

[...] e, só em momentos de muita raiva mandavam-no para o Posto de São João. Aí o Cabo Machado, um português naturalizado, latagão, sacudido e feroz, começava a raspando-lhes as cabeças e, depois, rachava-os a bolos e chicotadas. Fora esse policial largos anos o terror da gente baixa da cidade.

A revolta dos negros contra os brancos é representada também nas ações dos cativos em assassinares seus senhores ou algum membro da família. No entanto, ao cometer um crime o negro pagava com a vida, pois os senhores de escravos, amparados pela lei, enforcavam os negros assassinos. Em alusão aos enforcamentos, a velha Praça da Forca, mais

tarde denominada Praça 13 de maio, data que assinala a extinção do cativo, e Praça Sotero dos Reis (FILHO, 1962), em 1849 tinha o nome de Praça da Alegria conforme lembra *Os TSL* (1985, p. 175):

A designação primitiva, ajustada ao patíbulo, acabou substituída por outra, que lhe deu o povo: Praça da Alegria. A nova denominação inspirou-se na circunstância de que os pobres condenados, vistos de longe, pareciam pular de contente no espaço com a corda no pescoço.

Outro elemento destacado no romance é o pelourinho. Localizado no Largo do Carmo era utilizado nos castigos públicos dos negros cativos como forma de exemplo. Desde a metade do século XIX o pelourinho perdera a sua função, sendo demolido com a abolição da escravatura. Há, atualmente, uma réplica na Cafua das Mercês. Segundo Abranches (1992, p. 36), o pelourinho constituía de:

Uma coluna de mármore, alta de uns doze metros, trabalhada em feixes espiralados e partidos da base quadrilonga até o capitel [...], ostentava o aparelho primitivo, onde era exposto o paciente e que poderia girar sobre um fulcro que melhor fosse exibido aos transeuntes tão degradante espetáculo!

A Cafua das Mercês, “sem janelas para fora, apenas com respiradores verticais abertos na fachada lisa, [...], uma porta vertical. O espaço pequeno dividido em dois pavimentos, com uma escadinha aos fundos” (*Os TSL*, 1985, p. 414), funcionava antes como um “depósito” de escravos e hoje representa um espaço dedicado à raça negra.¹³

O autor de *Os TSL* mostra a união do segmento dominante em torno da manutenção da estrutura escravocrata. Por outro lado, notamos a relação de solidariedade entre os negros escravos e livres em prol da luta contra o cativo. A persistência do ideal de liberdade personificada na obra por Damião é estabelecida a partir da revolta deste e pela união dos negros cativos, livres, e mesmo os brancos, na divulgação dos ideais abolicionistas.

A partir da criação do Centro Artístico Abolicionista Maranhense, os negros teriam um espaço para contestar o regime escravocrata. Esse Centro serviu também no sentido de estimular os negros a buscar os seus direitos à liberdade:

¹³ Conferir ANEXO H - Foto da Cafua das Mercês.

Além da propaganda pela abolição imediata do regímen servil, trataram de construir fundos para esse fim e de atrair ao seu grêmio escravos que tivessem já pecúlios ou quisessem fazê-lo a fim de conquistar judicialmente a sua libertação. (ABRANCHES, 1992, p. 149)

Em *Os TSL*, a Casa das Minas tem um papel importante na cultura e religiosidade maranhense desde a chegada dos negros ao Maranhão. Frequentada por eles, desde o período da escravidão até os dias atuais, ela é descrita por Damião como “uma casa baixa, de beiral saliente, caiada de novo, na esquina do beco das Crioulas, com janelas de rótulas e portas de duas folhas, sobre a rua de São Pantaleão” (Os TSL, 1985, p. 19)¹⁴.

Embora o autor de *Os TSL* revele que a Casa das Minas tenha quase dois séculos de existência, pouco se sabe a respeito de quando ela foi construída. Josué Montello, em pesquisas sobre esta casa, destaca que historiadores como César Marques e João Francisco Lisboa já falavam da dificuldade em precisar a sua origem:

A origem da Casa Grande das Minas há de ser sempre um grande mistério. Ninguém saberá quem lhe assentou os alicerces, com as disposições internas para os seus ritos e cerimônias. Tudo quanto se sabe não tem a limpidez do testemunho histórico: limita-se à tradição oral. Teria sido obra de negros de contrabando, ou seja: de africanos que vieram pra São Luís no porão dos tumbeiros, já na fase do tráfico proibido. É pelo menos o que se conta (Os TSL, 1985, p. 259).

Mesmo sendo um enigma a origem da Casa, há uma considerável facilidade em identificá-la:

Quem desce a rua sinuosa, na direção do centro da cidade, depois de passar pela Igreja de São Pantaleão, vê um bando de construções primitivas, todas acachapadas, com beirais salientes e batentes de cantaria [...], ao lado da igreja primitiva, que domina a cidade com as suas torres caiadas, agregam-se umas casinhas agachadas e baixas [...]. A Casa das Minas tem outra peculiaridade, que ajuda a reconhecê-la: fica na esquina, parecendo descer ladeira abaixo, no pedaço da rua e que deu nome: o Beco das Crioulas (Os TSL, 1985, p. 257, 258).

Ao longo do tempo, da escravidão, da abolição, a Casa das Minas não mudou quase nada com relação ao que era. Ela possui “o mesmo corredor comprido, as mesmas salas e quartos, o mesmo santuário, e o mesmo terreiro de chão batido, que se pontilha de velas votivas durante a noite, e a que dão sombra, durante o dia, os ramos torcidos de uma cajazeira

¹⁴ Conferir ANEXO I – Foto da Casa das Minas.

sagrada” (Os TSL, 1985, p. 258).

Devido à herança cultural deixada pelo trabalho escravo nas construções dos lugares de memória da cidade, as origens africanas ocupam um grande espaço nos elementos culturais que compõem a identidade coletiva de São Luís. Esses bens culturais construídos pela raça negra, assim como pela indígena e branca, constituem a base de sustentação da atividade turística, o insumo principal do turismo cultural.

Para Anselmo (1977, p. 29) a narrativa de *Os Tambores de São Luís* é dividida em três mundos: a unificação, cisão e reunificação, correspondendo a três momentos históricos: a África, Fazenda e Cidade, a Casa das Minas, respectivamente. Sendo que esta última representaria o elo existente entre os negros e a sua origem – a África. Os tambores, que acompanham Damião durante o seu percurso do centro à Gamboa, estabelecem uma volta à unidade perdida. Durante o percurso, levado pelo som dos tambores, ele entra na Casa das Minas: “Pela primeira vez na vida, Damião experimentava a sensação física de que pisava chão africano. Dir-se-ia que falava dentro dele, nas raízes de seu ser, o sentimento atávico da condição original” (Os TSL, 1985, p. 261).

Na verdade, os escravos só eram livres na Casa das Minas e enquanto ressoavam os tambores, pois já fazia mais de três séculos que os primeiros negros tinham chegado ao Maranhão, vindos de Angola, Guiné, Moçambique, Congo, e principalmente da Costa da Mina.

Em *Os TSL* o sofrimento, a alegria e a euforia do negro em terras maranhenses estão sempre presentes. A angústia vivida pelos negros, marcados por sucessivas humilhações e amarguras; a alegria, sentida nos terreiros montados nas fazendas ou nas periferias do centro da cidade e a euforia, sentida com o término da escravidão constituem dados históricos relevantes na história da escravidão no Brasil.

Um outro dado histórico que ganha destaque na obra são os acontecimentos após a assinatura da Lei Áurea. Com o fim da escravidão, alguns negros, empregam-se nos recentes centros industriais de São Luís como mão-de-obra livre. Diante das falências das fazendas de algodão e dos engenhos de açúcar, os proprietários rurais aplicam o dinheiro que lhes restaram na construção de fábricas têxteis, segundo vimos em capítulo anterior.

Damião começava a crer que os negros ao relento, as crianças nuas, as mulheres exalando mau cheiro, com ar assustado e faminto, aos bandos pelas ruas de São Luís, constituíam uma visão transitória, que se desfaria com a fumaça das fábricas. Um pouco mais de tempo, e tudo estaria resolvido. O mais difícil já havia sido conquistado: a liberdade. Os próprios senhores, que tinham vindo de rota batida para a capital, em breve retornariam as casas-grandes, sertão adentro, não mais ameaçando os negros com o relho, o tronco e a cafua, mas estes irmanados, numa nova relação de trabalho produtivo. Como iriam produzir as fábricas, sem as grandes lavouras? E quem cuidaria destas, senão os antigos escravos? (Os TSL, 1985, p. 582).

A partir do mosaico estabelecido por Montello em *Os TSL* e constatando que o ser humano, enquanto membro de uma sociedade, precisa reconhecer-se através de registros históricos, sugerimos a obra *Os Tambores de São Luís* como um resgate da identidade e como um meio de promover São Luís, tão bem representada no romance, para aqueles que apreciam obras literárias e buscam nelas inspiração/motivação para desvendar as histórias, lugares e fantasias nelas descritas.

Nesse sentido, propomos no próximo capítulo, roteiros que possibilitem o leitor-turista a apreciação dos temas e pessoas aqui analisados e abordados por Josué Montello.

6 CAMINHOS DE SÃO LUÍS NA OBRA OS TAMBORES DE SÃO LUÍS, DE JOSUÉ MONTELLO

6.1 Conceituação de Roteiros Turísticos

A atividade turística, ao envolver uma série de opções em que o patrimônio cultural é mostrado, permite fazer conhecer épocas e locais nos quais a memória se faz presente, representando dessa forma recursos importantes no conhecimento sobre o passado e no reconhecimento das diferentes vozes que os traduzem. Os museus, monumentos, bibliotecas, arquivos, enfim, as instituições-memória possibilitam o acesso aos bens culturais e aos testemunhos da história como num resgate ao imaginário coletivo.

Nesse sentido, entendemos que o visitante, ao buscar conhecer aspectos relacionados à cultura, sente uma necessidade de apreender o que se está vendo. O turismo histórico-cultural vem preencher e enriquecer a experiência do turista, envolvendo-o em um novo universo, de forma a garantir que sua visita se amplie, do monumento, para o que existe em volta dele.

No entanto, para fazer da viagem uma experiência verdadeiramente cultural, é preciso que haja o desenvolvimento da interpretação do Patrimônio Cultural, traduzindo os significados e sentidos dele para os visitantes. Investir na interpretação dos bens culturais é apresentar lugares e culturas, não apenas como simples espaços ou vias de tráfego, mas desvendar o que há além daquilo que comumente são percebidos nele.

Dentre as diversas formas do produto turístico, os roteiros têm o mérito de criar uma identidade emocional no visitante e na localidade em que são implantados. As rotas, trilhas e roteiros proporcionam a interação e o envolvimento do visitante num universo de experiências novas, em que as referências se sustentam na cultura, e no conhecimento aprofundado desta.

Os roteiros, segundo Tavares (2002), são itinerários de visitação organizados, que possuem importantes ferramentas na leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade, sendo uma das principais formas de contextualizar os atrativos, segundo sua história, cultura, geografia, meio ambiente, etc.

Os roteiros são apresentados como estratégias comprovadamente eficazes na fundamentação e estruturação de programas de visitação de uma localidade, por representarem recursos importantes na ampliação e profundidade do conhecimento. São exemplos facilmente identificados como resposta ao potencial de atratividade desses roteiros. Citamos aqui alguns exemplos: o Caminho de Santiago de Compostela, de grande importância cultural e religiosa desde a Idade Média na Espanha; as Trilhas de Macchu Picchu, mais conhecida como a “Cidade perdida dos Incas” no Peru; as rotas românticas pela Itália, especialmente em Veneza; e as diversas rotas de vinhos espalhadas pelo mundo.

Além de representar um meio importante na diversificação da oferta turística, os roteiros ampliam e aprofundam a participação dos visitantes e da comunidade, contribuindo para desenvolver nestes um sentido de lugar. Ao acrescentar informações históricas e contemporâneas a monumentos ao longo de uma rota, trilha a localidade tornar-se, ao mesmo tempo, mais receptiva aos visitantes e poderá acarretar uma maior curiosidade por parte da população para entender a evolução histórica da sua cidade.

Esses recursos possibilitam, também, a transmissão de conhecimentos às gerações futuras, causando um interesse quanto à valorização dos bens culturais. Por isso, as construções dos produtos turísticos devem ser feitas com formatação diligente e a partir de temas e subtemas que enriqueçam o conteúdo narrativo na interpretação do patrimônio da cidade.

Diante disso, fazem-se necessárias parcerias com as instituições de memória, comunidades locais e turistas quanto à preservação do patrimônio cultural. Como afirma

Murta (2002), a interpretação, a percepção, vínculos, experiências e integração são elementos importantes para que haja sucesso na transmissão do conhecimento para as pessoas e na defesa daquilo que se está vendo.

Nesse sentido, ao tomar como base a literatura, a fim de suscitar alternativas para um turismo adequado, visamos a construção de roteiros, pois ela funcionaria como um agente valorizador da cultura local. Brandis (apud TAVARES, 2002, p. 54) destaca a necessidade de ligar o atrativo com a experiência do ambiente urbano:

[...] cremos que por herança histórica se deve entender não só um conjunto inventariado de monumentos e edifícios significativos isolados, mas, sobretudo, um meio ambiente singular que testemunhe sua identidade histórica e cultural por meio de relação dialética que se produz entre todos os seus componentes.

Entendemos que os roteiros culturais, a partir da literatura, oportunizam o interagir sustentável com os costumes, crenças, heranças. Os textos literários podem ser tomados como verdadeiros guias de viagem, pois eles aguçam a curiosidade das pessoas, fazendo com que o imaginário delas povoe-se de bens materiais e imateriais do patrimônio natural e cultural, servindo, assim, como estimulador para o turismo (SIMÕES, 2003).

O discurso literário incita temas, valores, ideologias tornando-se um agenciador do turismo cultural quando possibilita a criação de roteiros literários a partir da obra ou da vida de um grande escritor. Simões (2003, p. 3) destaca que a literatura “busca aquele cenário ficcional no mundo real e viaja para as terras que motivam a ficção”.

Segundo Quijano (1992, p. 329), os roteiros turísticos culturais constituem um dos mais antigos motivos das viagens. Eles podem ser divididos em históricos, artísticos, arquitetura popular, gastronomia e literários.

Las Rutas literarias tratan de mostrar los lugares, paisajes y regiones relacionados con una determinada obra de la literatura [...] o bien con un autor en concreto. Es por ello un itinerario de caracter geografico-cultural en el que se entremezclan la evocacion literaria, la biografia, el arte, etc.

Dessa forma, muitos são os roteiros literários que se tornam conhecidos pelo mundo, como o de Kafka, em Praga; os caminhos de Eça de Queiroz, em Portugal; a Rota de

Dom Quixote, na Espanha; a riqueza da Bahia, na tinta de Jorge Amado. Roteiros esses que provocam grande interesse nos leitores.

Os roteiros turísticos possuem características distintas que vão variar de um país para outro. Assim, existem diferentes nomenclaturas que interferem no objetivo e na forma de sua execução. No mercado turístico, há uma diversidade de sinônimos associados a eles como itinerários, rotas, pacotes, trilhas, excursões, programas, *city tours*, etc, que possuem cada um operações específicas que segundo a combinação dos seus componentes vão interferir no andamento e resultado desses produtos.

Os roteiros aqui sugeridos são classificados, de acordo com os conceitos de Tavares, em *city tours* motivacionais, pois são direcionados para públicos com interesses específicos. Tendo eles características desse tipo, poderão ser efetuados a pé ou por automóvel, serão organizados quanto a sua disposição espacial, sua quilometragem e tempo de duração para sua efetiva execução.

Ressaltamos ainda que além da essencial infra-estrutura em torno do produto, do percurso a ser feito, dos horários de visitação em atrativos fechados, assim como das condições de trânsito do qual dependem os roteiros realizados com automóveis em ambientes urbanos, esses produtos necessitam também de um marketing intenso, feitos a partir da confecção de mapas, *folders*, cartazes, por exemplo, por profissionais que tenham ampla formação humanística, bons conhecimentos culturais da cidade e esteja contextualizado com o autor e a obra tratados.

Vale lembrar que este trabalho, não visa objetivar resultados mercadológicos – não definindo, pois, custos, preços ou mercado varejista – e sim despertar e demonstrar a existência de mais um atrativo cultural que a cidade de São Luís possui através de um de seus escritores e sua obra *Os Tambores de São Luís*.

Por meio de um romance que suscita roteiros turísticos temáticos – aqueles

baseados em tópicos específicos como a música, arquitetura, arte, literatura ou eventos históricos – destacamos alguns espaços de São Luís através da obra *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello.

Diante da possibilidade que as obras literárias têm em mostrar as características, histórias e lendas de uma cidade *Os TSL* é aqui apresentado como um elemento motivador para o leitor ir além das informações descritas nele. Pois entendemos que para descobrir uma cidade, o turista não deve permanecer nesses iniciais modos de ver e sentir uma localidade qualquer que ela seja.

Para conhecer e percorrer uma cidade como São Luís são indispensáveis requisitos como sentir o seu calor humano, subir e descer suas ladeiras, andar nos seus becos, travessas, ruas tortas e estreitas, onde muita gente se fez presente na literatura, no magistério, no jornalismo, na política e em outras ciências.

Dentro do espaço trabalhado pelo autor de *Os TSL* propomos três roteiros pelo Centro Histórico da cidade, haja vista que é nele que se passa a história narrada no livro. Assim, dividimos, de acordo com a obra, cada roteiro com um tema específico que vai ao encontro do interesse em conhecer a trajetória dos negros na capital maranhense, a biografia dos poetas ou a vida de pessoas importantes que fizeram a história de São Luís.

Para uma melhor compreensão das manifestações folclóricas da cidade – manifestações que não são praticadas a todo o momento nas ruas, e sim em épocas específicas e de acordo com o seu período – é que colocamos dentro dos roteiros, mesmo que não citado na obra, o Centro de Cultura Domingos Vieira Filho. Já o Museu Histórico e Artístico e o Palácio Cristo Rei, embora não analisados neste trabalho, funcionariam, respectivamente, como representações de uma casa do século XIX, e um prédio de grande importância na história da escrita do romance a que este trabalho tem como espelho.

Sugerimos também, em alguns prédios, performances cênicas de atores locais

representando personagens do livro como o próprio Damião e outros que têm sua importância singular na obra e na História do Maranhão. Nesse sentido, buscamos uma exposição temática e baseada em conteúdos que despertem o interesse das pessoas e preencham as suas necessidades de evasão ao fazê-las deslocarem-se de seus locais de moradia.

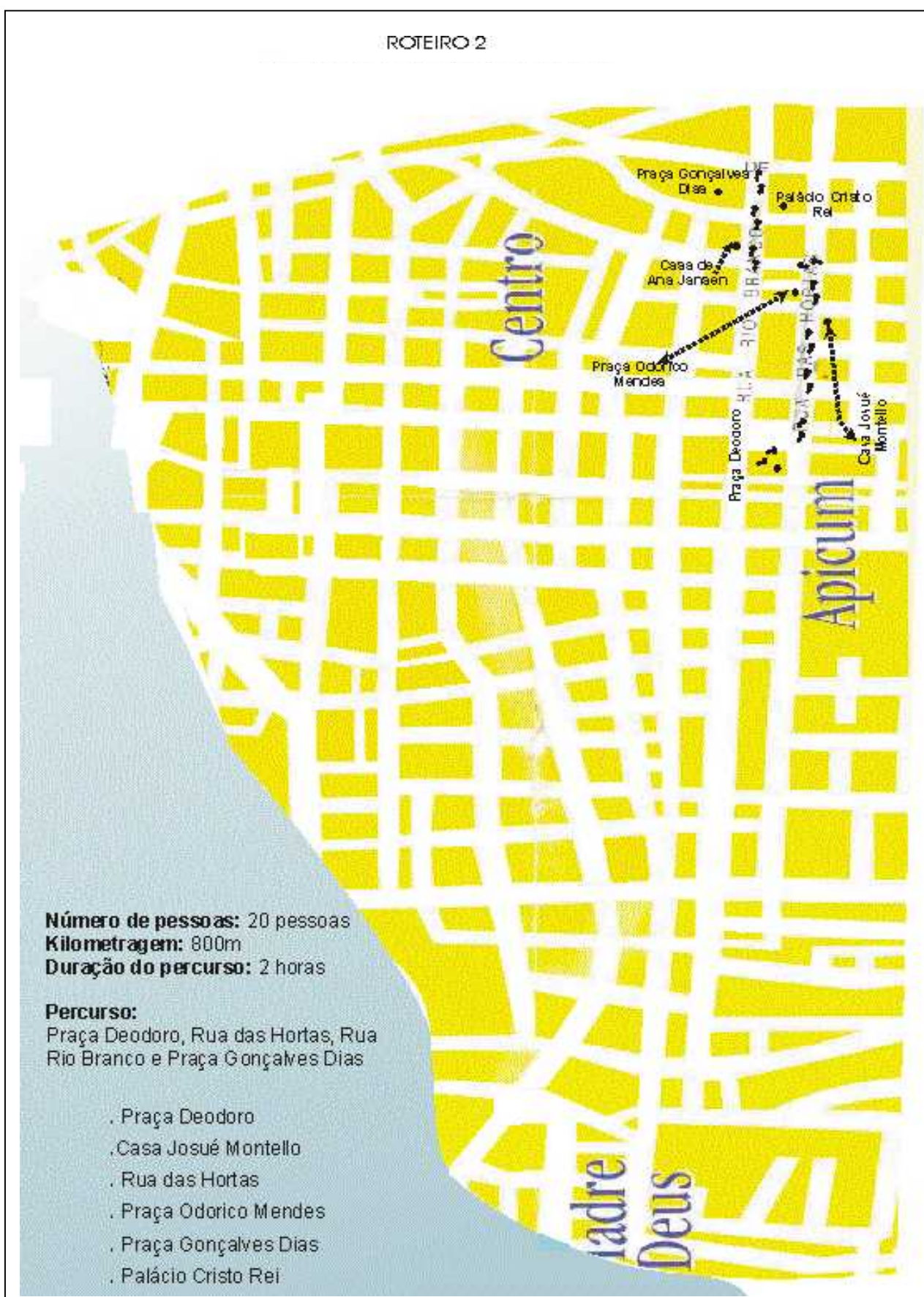
Intitulados *Caminhando ao Som d'Os Tambores de São Luís*, estes roteiros são inicialmente propostos como um diferencial turístico para compreender melhor a história e o imaginário coletivo e lendário da população ludovicense, ao longo dos anos, considerando que foram escolhidos sob a ótica de uma obra literária fundamenta em relatos históricos e documentados.

Após essas descrições e análises, admitimos que a implementação efetiva dos roteiros aqui indicados requer uma pesquisa de demanda aprofundada.

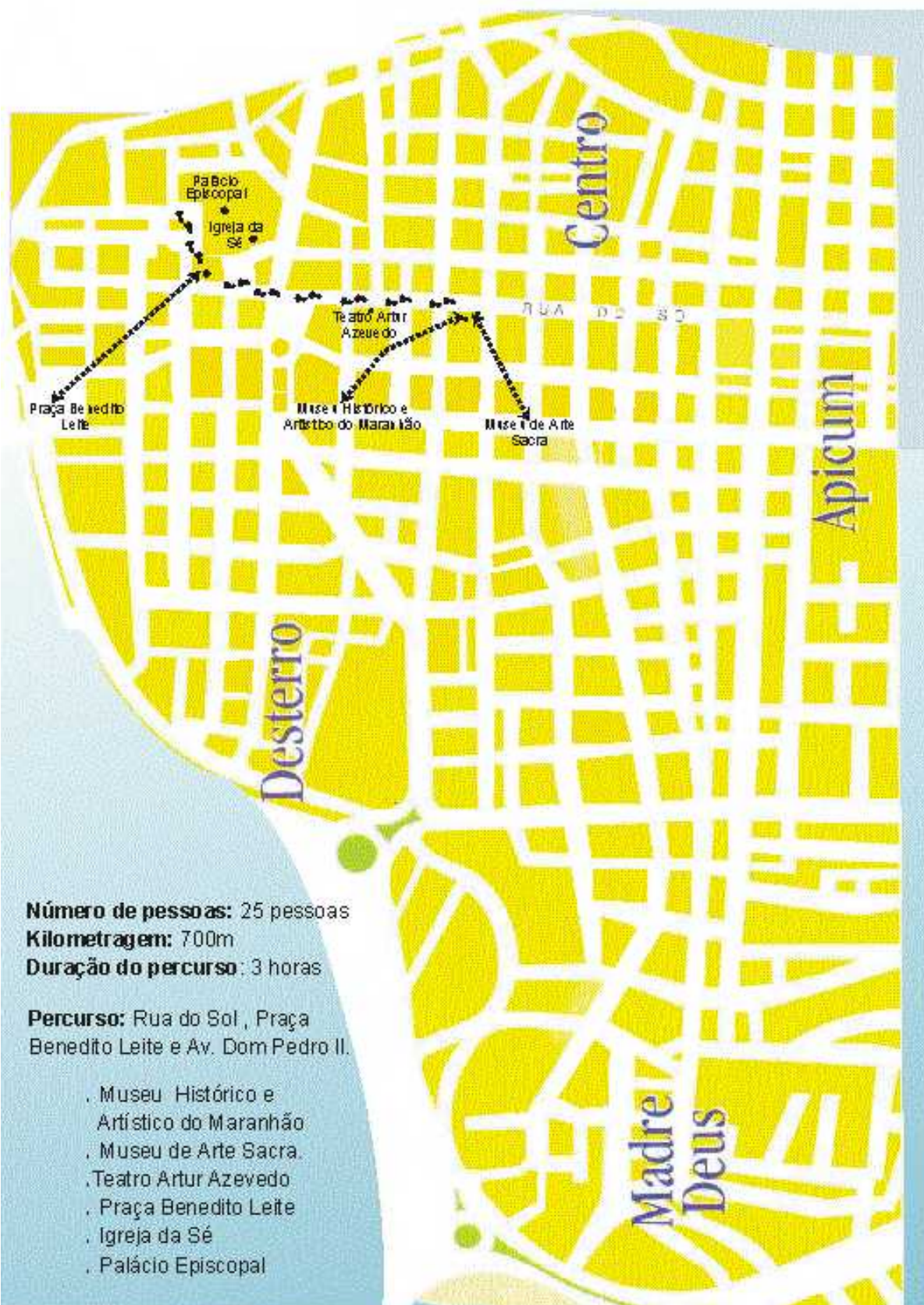
Apresentamos no próximo tópico os roteiros aqui sugeridos, com base na obra *Os Tambores de São Luís*.

6.2 Caminhando ao Som d'Os Tambores de São Luís, de Josué Montello

ROTEIRO 2



ROUBRO3



7 CONCLUSÃO

Na construção desse trabalho pudemos estabelecer a relação existente entre o turismo cultural e a literatura, sendo esta representada por meio do livro *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello. Através do mosaico dos espaços, tempos e personagens fictícios e reais estabelecidos por este autor na obra, criamos propostas de roteiros turísticos literários que servissem como mais um recurso otimizador para mostrar o patrimônio cultural da cidade de São Luís.

Para tanto, relacionamos cultura, literatura e turismo cultural como meios que permitem não apenas conhecer outras realidades, mas identificar e valorizar a grande e rica diversidade cultural brasileira. Nesse contexto, evidenciamos o quanto o patrimônio cultural da cidade de São Luís tem a oferecer como atrativo turístico e destacamos a literatura como uma referência para a apreciação e valorização das manifestações culturais materiais e imateriais dessa cidade.

Para compreendermos os significados da produção literária de Josué Montello, especialmente a obra *Os tambores de São Luís*, fizemos uma abordagem da vida e obras desse escritor, que leva sua cidade nas páginas de seu livro pelo mundo e expressa, através da memória, o desejo de retorno ao passado de glórias, brilhantismos e feitos históricos.

Procuramos apresentar um panorama cultural da sociedade ludovicense do século XIX, compreendendo que esse período reflete o que, hoje, a cidade tem a oferecer como recursos turísticos. Por meio dos roteiros, objetivamos realçar elementos que fossem considerados diferenciadores para o turismo local e que permitisse, ao mesmo tempo, que a cultura fosse trabalhada de forma construtiva e responsável.

Quando caminhamos hoje pelas ruas de São Luís podemos observar as intervenções modificadoras da arquitetura da cidade em construções como a Igreja de

Santaninha e da Conceição que desapareceram e são citadas na obra e, até mesmo, algumas diferenças das manifestações culturais produzidas pela sociedade no século XIX e as atrações, hoje, contempladas e oferecidas pela cultura maranhense.

Entendemos que a cultura compreende uma totalidade das criações humanas e que ela se encontra em contato permanente com o mundo contemporâneo, transmitindo-se de geração em geração de uma forma dinâmica e que não são as mesmas em sua essência, haja vista que elas se reciclam permanentemente, ajustando-se ao fluir do tempo.

Nesse sentido, não se pode pensar que as manifestações não se alteram ou se desvinculem das suas tradições originais diante dos meios de comunicação, mas deve-se estimular que não se deixem desaparecer ou que se transformem em padrões comuns.

A utilização turística desse patrimônio consiste em um grande desafio que se define a partir do estabelecimento de pontos de equilíbrio em proporcionar contatos humanos e, ao mesmo tempo, ser um suporte na manutenção de identidades culturais.

O turismo cultural aqui proposto, via literatura, para a apreciação do patrimônio cultural, representa um recurso diferenciador e valorizador da cultura visitada, pois busca um turista sensível e interessado em entender o cotidiano e a história, seja através do patrimônio histórico ou das manifestações culturais desse local.

Elaboramos roteiros turísticos-literários com o propósito de permitir ao turista uma atividade de lazer educacional, e também com a intenção de contribuir para aumentar a consciência do visitante na apreciação da cultura local nos seus aspectos históricos, humanísticos e artísticos.

Consideramos na elaboração dos roteiros turísticos muitos aspectos que devem ser analisados, dentre eles, os que vão desde a escolha dos atrativos incluídos na programação, até os relativos aos serviços envolvidos.

Destacamos que nada do que fizemos teria sentido se não fosse a cidade a

proporcionar a seus poetas e romancistas, através de suas sacadas, telhados, pedras de cantaria, lendas e mistérios, inspirações para descrevê-la.

Como bem lembra Odylo Costa Filho, um filho da terra: “Se não podes trazer a alma das ruas, de nada vale teres ido a São Luís”.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Dunshee de. **O Cativoiro**. 2ª ed. São Luís: Alumar, 1992.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Josué Montello**: uma vida a serviço da literatura. Rio de Janeiro, 1999.
- ANDRÉS, Luiz Felipe de Carvalho Castro et all. **Centro Histórico de São Luís – Maranhão**: Patrimônio Mundial. Audi Choromo. São Paulo, 1998.
- ANSELMO, Artur. **Um romance de Cisão**: Os Tambores de São Luís. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977.
- BANDUCCI JR., Álvaro, BARRETO, Margarita (orgs). **Turismo e Identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O Despertar do Turismo**: um olhar crítico sobre os não-lugares. São Paulo: Aleph, 2001.
- BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. São Paulo: Papirus, 2000.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 5ª ed. São Paulo: Senac, 2001.
- CABRAL, Antonio Maria Santiago. **Josué Montello**: o artista literário. São Luís: SIOGE, 1979.
- CALDEIRA, José de Ribamar. **O Maranhão na literatura dos Viajantes do século XIX**. São Luís: SIOGE, 1991.
- CARVALHO, Conceição de M. Belfort. **Sujeito, Espaço e Tempo**: elementos da construção histórica em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello. São Paulo: UNESP – ARARAQUARA, 2001.
- CASTROGIOVANI, Antonio Carlos, GASTAL, Susana(orgs). **Turismo Urbano**: sites de excitação turística. Porto alegre: Edição dos Autores, 1999.
- COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca; Trad. Roberto Cataldo Costa. **Turismo Princípio e Práticas**. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

FERNANDES, Henrique Costa. **Administração Maranhense: 1822 – 1929**. São Luís: Imp. Official, 1929. 495p.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: UFMA, 1985.

FILHO, Domingos Vieira. **Breve História das Ruas de São Luís**. São Luís: SENAC-MA, 1962, 127p.

FUNARI, Pedro P.; PINSK, Jaime(orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: contexto, 2001.

GASTAL, Susana. **Turismo e Cultura**: por uma relação sem diletantismo. In: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1998.

GOMEZ, Julia; DÍAZ, Covadonga G-Quijano. **Rutas e itinerarios turisticos en Españã**. España: Sintesis,1992.

HURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chromos, 2002.

MARTINS, Ananias Alves. **São Luís**: fundamentos do patrimônio cultural – Séc XVII, XVIII e XIX. São Luís: Sanluiz, 1999.

MASSAUD, Moisés. **A Criação Literária**: introdução à problemática da literatura. 3ed. São Paulo: 1970.

MEIRELES, Mário M. **História do Maranhão**. 3ªed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MONTELLO, Josué. **Josué Montello**: romances e novelas – confissões de um romancista. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar, 1986.72p.

_____. **Os Tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. 2ªed. São Luís: Legenda, 1995. 306p.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). **Interpretar o Patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG; território brasilis, 2002.

NETO, Azevedo Américo. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. 2ed. São Luís: Alumar, 1997. 138p.

NOLÊTO, Nácia Lopes. **MARANTELO**: imagens do Maranhão segundo Josué montello. São Luís – UFMA, 2002.

PELEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e Turismo**. 7ª ed. São Paulo: Papirus, 1993.

PIRES, Mario Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. 2ªed. São Paulo: Manole, 2002.

PIRES, Mario Jorge; BASSO, Mylene Cyrino. **Ambientação de base Histórica: uma expressão de marketing**. Turismo em análise. V.3. São Paulo: ECA/USP, 1992.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Praia Grande**: cenários históricos, turísticos e sentimentais. São Luís: Litograf, 2002. 168p.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Diversidade Cultural e desenvolvimento sustentável**: a literatura e o turismo no âmbito da comunidade de países de língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/turismo/congresso2003/ponencias/>>. Acesso em 02 de may.2004.

URRY, J. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Sesc/Nobel, 1996.

VIVEIROS, Jerônimo. **História do Comércio do Maranhão**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. v.II – III, 309p.

YÁZIGI, Eduardo et al.(orgs). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

ANEXOS

ANEXO A – Cronologia do Espaço e Tempo na obra Os Tambores de São Luís da Prof^a. Ms.
Conceição Carvalho

ANEXO B – Igreja de São Pantaleão



*Igreja de São Pantaleão
(fachada atual).*

Fonte: Guia de São Luís do MA.

ANEXO C – Casarões Portugueses



Fonte: www.ma.gov.br

ANEXO D – Ana Jansen

*Ana Jansen.*

Fonte: Guia de São Luís-MA.

ANEXO E – Catarina Mina

*Catarina Mina.*

Fonte: Guia de São Luís do MA.

ANEXO F – Material fornecido pelo Prof. Ferretti no Mini-Curso de Religião e Cultura Popular na Regional da SBPC em São Luís em Março de 2004

ANEXO G – Igreja do Carmo



Igreja e Convento do Carmo - foto de 1908. Comparando-a com a anterior, notar, entre as transformações: remoção da escadaria à frente, substituída por duas laterais, e redução da fachada do Convento, que perdeu três de suas dez primitivas janelas, a oitava das quais era o parlatório.

Fonte: Guia de São Luís do MA.

ANEXO H – Cafua das Mercês



Fonte: www.ma.gov.br

ANEXO I – Casa das Minas



fonte: www.ma.gov.br